

JOSÉ GARDEAZABAL

A MÃE E O CROCODILO



COMPANHIA DAS LETRAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JOSÉ GARDEAZABAL

A MÃE E O CROCODILO



COMPANHIA DAS LETRAS

A MÃE
E O CROCODILO

FICÇÕES DO EU

JOSÉ GARDEAZABAL



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: junho de 2023

A MÃE E O CROCODILO

© José Gardezabal, 2023

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Companhia das Letras é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

O nome Companhia das Letras e o logótipo associado são marcas comerciais
registradas da Editora Schwarcz S. A. usados com autorização

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do
copyright.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo
mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido
numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou
privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia
autorização por escrito do editor.

Edição: Eurídice Gomes
Revisão: Rita Almeida Simões
Capa: Wonder Studio / Ágata Ventura
Imagem da capa © Security Pacific National Bank Collection/
/Los Angeles Public Library

ISBN: 978-989-787-179-5

Composição digital: leerendigital.com
Composição digital PRHGP: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)
Facebook: [companhiadasletrasportugal](https://facebook.com/companhiadasletrasportugal)
Instagram: [penguinlivros](https://instagram.com/penguinlivros)

Índice

[A Mãe e o Crocodilo](#)

[Créditos](#)

[Epígrafes](#)

[Eu, Vladimir, e os Outros](#)

[Noor](#)

[Noor, antes](#)

[Os Outros e o Fim](#)

[Sobre este livro](#)

[Sobre o autor](#)

E a mudança de luz diz-lhe qualquer coisa sobre os pobres e o inverno.

MARTIN AMIS

Outras Pessoas

Deixa-me começar de novo.

Querida mãe [...]

OCEAN VUONG,

Na Terra Somos brevemente Magníficos

Eu, Vladimir,
e os Outros

Isto foi antes de chegar aqui, sangue por todo o lado, e etc., e eu de arma na mão. Deixem-me dizer-vos como vim aqui parar. Volto ao princípio. Cortaram-me as pernas e tiraram-me o tapete de debaixo dos pés, por esta ordem. Levaram-me para a sala dos esquecidos e eu fui. Fiquei. Fecharam a porta à chave. Senti alguém a engolir a chave no escuro.

Tenho um crocodilo em casa. É um amigo. Cresceu comigo, é maior que eu.

O teto é baixo, à noite acendo uma lâmpada por cima da cabeça e pareço um santo. Olho-me ao espelho, por muito tempo. Uma lucidez próxima da raiva, mais calma, mais doida, uma multidão pequenina e feia chamada eu. Sinto-me mal, sou alguém a interromper um suicídio. Não se trata do meu suicídio, a vida custa a todos. Podia ser a morte da minha mãe. Ela ainda não morreu, anda muito triste. Triste pelo menos desde o que aconteceu ao meu pai.

Luminosa escuridão. Gosto quando, ainda na luz, já um pouco de escuridão.

Onde está o meu pai?

Esta pergunta agarra-me à infância. Prefiro ser filho a ser pai. Acontece aos melhores. Acontece aos órfãos e é para sempre. A minha transformação em gente tem sido lenta. Vivo amarrado a um poste, a cantar para sereias nuas. É fácil perceber como soffro.

O meu pai desapareceu, e uma coisa má aconteceu, lentamente. Mais ou menos por essa altura, Deus. Ainda não falei dele, está em toda a

parte e fala comigo, não deixa de falar. Já ouvi cinco versões diferentes de *Knockin' on Heaven's Door*, mas não é a mesma coisa. A minha mãe gosta de rezar, não quer só chorar. As lágrimas a abafar as orações. Devia existir um Deus para as palavras e um Deus para as lágrimas. A mesma igreja, isso sim.

— Sou uma mulher a dar à luz.

— Não, mãe.

— Um bebé acabado de nascer. Parto natural.

Não se lembra de ser bebé, a minha mãe. Lê *cartoons* americanos para acompanhar as notícias do mundo. Não sei por que sorrio, deixovos decidir. Não sou personagem de romance. Novela, talvez, ajuízem vocês, ou seja, leiam. Vou contar-vos a verdade, a verdade é dolorosa, mais dolorosa para mim que para qualquer leitor. O velho prazer da leitura, aquela velha distância. Isto não é o diário de um adolescente. Sou um homem adulto. Se escrevo, escrevo para sair da adolescência. Ajuízem vocês.

Desabituei-me de gostarem de mim, especialmente as mulheres. Sempre gostei de mulheres, é como eu penso. O crocodilo, por exemplo, não gosta verdadeiramente de mim, é o que eu penso, o que eu sinto. O crocodilo é um estranho, não é bom depender da bondade dos crocodilos.

Naquele dia, a mulher disse-me que sim com a cabeça e depois:

— Não — disse não.

Uso do malmequer: sou, não sou, ser, não ser. Ninguém me quer mal, ninguém me quer bem, dispenso as flores. O romantismo é um sentimento terrível, dois furos acima da castidade. Os sentimentos são um lago onde as pessoas se molham até ao pescoço e eu estou do lado de fora porque não sei nadar. Estou sentado na margem, tenho os pés húmidos, enterrei-os na areia. A maior parte de nós é água, no resto somos enormes e firmes e belos.

Sinto todos os meus músculos. Gosto deles. Gosto dos meus

músculos como gostava que uma mulher gostasse de mim. Silenciosamente. Dedicadamente. Gosto do meu corpo, falta qualquer coisa. Que parte do corpo me assusta mais? Não sei, não estou nu, não posso dizer. Os meus pés no chão não me assustam.

Os crocodilos são rápidos na água, tão rápidos como um homem em terra, a descer uma montanha de bicicleta. Em terra, cansam-se, os crocodilos. Debaixo de água, conseguem não respirar uma hora, às vezes mais.

Gosto de mulheres fortes, capazes de me abandonar sem pestanejar, gosto de mulheres que nem chegam a gostar de mim. As mulheres fortes que não me querem. Pestanas pretas, a pestanejar. Muito bonitas. Já desejei relações abstratas, mulheres, como as minhas, abstratas. Não me deixaram, as mulheres e os crocodilos não me deixaram. Aumentaram a sua solidez e natureza, o seu corpo, pele, pelos, escamas, dentes.

Um dia doarei a minha vida a uma mulher, mas não em sacrifício. Continuarei vivo, mais vivo ainda. Não deve ser difícil. Entretanto, as minhas melhores amigas são palavras no vazio, digo-as de vez em quando, ninguém as ouve.

*

Yelena conhece as partes do corpo do homem, cada parte é um destino, para ela os homens são coisas que estão escritas, não há segredos. Yelena diz «vou falar-vos do homem», e depois indica um fragmento do homem, como quem agarra um membro fácil para se salvar.

— Gosto de te ver de costas — diz-me.

— De costas, como?

— Quando não olhas para mim és mais bonito.

Gregori é um tipo de homem que gosta que as mulheres gostem dele pelo corpo. Às vezes, consegue. Orgulha-se disso.

Boris. O homem. Como se essa qualidade secasse as qualidades e todos os defeitos à sua volta. Um dia apanharam-no a dançar com o ego de fora. Um egoísta, um exibicionista. Boris.

*

Os crocodilos caçam de noite. São carnívoros, são caçadores astutos, uma visão e audição excelentes. São animais da emboscada, da espera. É impossível saber o que pensa um crocodilo, muitas vezes só pensa na espera, um crocodilo. Animais da espera. Comem fruta, mas preferem mamíferos, até pássaros, peixes.

Sou o dente morto de um crocodilo, sou comida seca, enterrada na escuridão da mandíbula de um animal à espera. Procuo no espelho o que não é mãe, é pai. O crocodilo espreita, atrás de mim. O seu sorriso desaparecido, aquele meio-sorriso luminoso, a dentadura e tudo.

*

Goran orgulha-se de ter sido virgem, ele e a mulher, mas não tem uma obsessão pelo passado.

— Sobre a virgindade, não tens nada a dizer? — perguntam-lhe.

— Não sei, não é a minha realidade

Mircea, o jovem, aos berros no dia a seguir a uma descoberta sexual. Invejo-o, sou incapaz de berrar por qualquer coisa sexual. A língua seca, a garganta arranhada, as palavras esquecidas. Preparo-me para algo parecido com o pior possível.

Para mim o mundo está secretamente cheio de mulheres. Gosto de as olhar, as mulheres. De resto, pouca coisa, as mãos nos bolsos. Sobre-me em entusiasmo o que me falta em engenharia.

*

À minha volta, o aspeto do mundo diz-me que aqui se aprofundou uma maldade. A verdade é isto e dura há muito tempo. A antiga mina desativada, ninguém sabe se o minério acabou, as riquezas estão enterradas a profundidade desconhecida. A vida arrastou o melhor de nós para o fundo, como num enterro, devagar, sempre a descer, aquele instante depois de as flores caírem no túmulo.

Os homens desaprenderam de trabalhar. Saíram da mina para devolver a lancheira vazia à mãe e nada, escondem a vergonha à luz do dia. De longe parecem operários, de perto, só os mais velhos. Desenterrados, a paisagem dói-lhes nas costas e faz-lhes frio nos pés. Os mais velhos tentam exercício para esquecer. Falham, naturalmente.

Há pessoas à espera do futuro para gritar.

Pessoas paralisadas, a desaparecerem há anos. Trazem o fim do mundo agarrado à sola dos sapatos. Como poeira. Radioativa. A alma pendurada do bolso do casaco. É fácil acreditar na vida depois da morte, é aqui, a vida depois da morte. O futuro está todo na sombra dos objetos que as fizeram felizes. São sempre os mesmos, os objetos, não foram a lugar nenhum. Promessas ao nosso eu futuro? As pessoas fazem juras ao passado. Não rir em público, por exemplo. É uma promessa antiga. Desconfiar dos amigos e dos inimigos. Somos o lugar de onde se afastaram os exércitos da alegria. Passou por aqui uma catástrofe cósmica e nós acordámos no dia seguinte com metade dos vizinhos desaparecidos ou enterrados em cal viva.

Uma pena abstrata pelo pó.

O passado é inevitável, envelhece connosco. O passado coxeia. O passado é um homem velho e o futuro uma mulher que não gosta de nós. Aqui ninguém faz de morto. Ressuscitados, todos, apenas com a roupa do corpo, estamos desiludidos com a ressurreição. O que farejamos não é bonito, procuramos a porta de entrada do fim do mundo.

A mina morreu: metade de nós quer ressuscitar a sua efervescência científica de má poesia. Este era um lugar bonito no tempo da indústria e

da tortura. Eram empregos, percebem?, com empregos não se brinca. Quem nos roubou a mina roubou-nos tudo. Sobram os edifícios fabris, altos e feios ao sol, foi o que ficou do materialismo histórico. Da tortura ninguém pode ter certezas, é uma história apócrifa, é um evangelho. Não era muito dinheiro, mas eram empregos, e agora vejam, é só olhar em volta.

— Não olhes para mim assim.

— Assim como, Yelena?

— Como um médico, como uma doença.

As pessoas sobreviviam aos campos apoiadas num poema, algumas estrofes. Sobreviveram assim aos milhões, só com poesia. Havia uma alcunha para os que chegavam com a cantiga da prosa, e não era bonita. Prosa é coisa pesada, matou milhões.

*

Lev. Duas orelhas tão diferentes como de pessoas diferentes, as duas orelhas esquerdas de dois inimigos. Se houvesse aqui mar, Lev ia ter medo de mergulhar e morrer sozinho. Felizmente não há mar. Um dia, Lev viu dois homens a dançar dentro de um aquário de vidro. Não se ouvia nada e Lev não compreendeu. Tentou ouvir a música, mas não ouviu e não compreendeu.

— Vou morrer, vou morrer, vou morrer.

— Não, Lev, não vais morrer.

— Mas eu quero morrer.

Eu sei que Lev quer morrer, mas gosto de ajudar. Nunca soube até que ponto as pessoas estão vivas e querem.

*

Maya, por exemplo. Maya não fala do marido, mas, quando lhe perguntam, diz que foi amor à primeira vista. Não foi sequer amor, nós sabemos que Maya sonha com dois homens.

— E como são esses homens, Maya?

— Não me batem — responde, sem hesitar. E, sempre, alguns segundos depois. — Não me batem e gostam de mim. Os dois ao mesmo tempo.

O pecado original, a primeira vez é tragédia, a segunda vez, farsa. Para Maya o pecado original é sempre farsa. Sorri e deixa de respirar, felizmente não por muito tempo. O pecado original é só para alguns, mas é para sempre.

*

Aqui, a igualdade é avassaladora. Como um frio, uma mãe má. Cada pessoa igual a nós é uma acusação, uma lembrança da fome e das rjezas do inverno. Todos somos pobres, multiplicámo-nos sem dar por isso. Tivemos tempo para nos desinteressarmos uns dos outros, já atraíçóamos familiares semelhantes aos nossos pais.

Ser pobre é um cargo de eleição. São representantes, são representativos, os pobres, são iguais a nós. Usam casacos cinzentos, sem botões. Os buracos sem botões imitam buracos de balas disparadas há muito tempo, numa guerra. Perdemos família nessa guerra, alvejados de costas, assassinados assim vestidos, casacos compridos sem botões. Se escavarmos o chão da floresta, ainda encontramos as balas e os botões.

Aviso aos náufragos e aos turistas: não se riam dos nativos. Turismo aqui não há. Já fomos uma cultura industrial. A indústria partiu e deixou-nos sozinhos, somos os últimos heróis da preguiça, resta-nos limpar os pés ao passado. O tempo das fábricas do Estado e dos prémios de produtividade desapareceu e não volta mais. Agora é tudo não-ficção. É o que sobra das utopias, a poluição. Tanta não-ficção cansa. O *Zeigeist*, aqui, já não muda muito.

Descobre-se o homem a quem falta mulher quando lhe falha um botão na camisa. A mim não me falta um botão. Tenho tido sorte com os botões.

Lyudmila desenha cartazes para o fim da história ou o fim do mundo. Guerra, holocausto, exílios, desaparecimentos. É uma exibicionista. Erupções, inundações. Combinação de dilúvios, frios, secas, fome e calores. Mostra os cartazes um a seguir ao outro, como o vídeo de uma festa de amigos ou um documentário sobre a esperança, na televisão. Também gosta da invisibilidade, Lyudmila, mostra o corpo e esconde a cabeça, como um rinoceronte atrás de uma árvore. O seu corpo magro e calado.

Andava eu pelos meus seis ou sete anos, jogava às escondidas com a minha mãe. O jogo chamava-se «Encontra o Papá». Como acontece bastante naquela idade, a casa estava cheia de esconderijos e surpresas. Cantos, paredes, silêncios. A única não-surpresa era como acabava o jogo: nunca encontrávamos o papá. Nunca. Depois, a minha mãe preparava-me um lanche reforçado e era como se o pai fosse enorme e tudo o que se via dele era parte da pele ou de um pé. O seu tamanho era fantástico e irreconhecível. O papá não está, explicava-me a mamã, mas nessa altura, já sem fome, eu não a ouvia.

Pai, toda a minha infância desejei a tua morte, mas não a tua ausência. Queria-te, vivo ou morto.

O meu pai imaginário, a minha mãe uma heroína. Se fosse presidente, chamava-lhe presidenta. Imagino-a de capa e espada, de capa branca como as sufragistas. A palavra sufragista, gosto muito dela, lembra-me o tempo em que os homens e as mulheres acreditavam na democracia, mas as mulheres não votavam.

— É melhor esqueceres o teu pai. Não o vamos ver nunca mais. Esquece, está esquecido.

A minha mãe conta que comecei a caminhar para trás. Ela dava-me a mão e eu avançava de costas, sem sequer olhar. Não acredito. A minha

mãe diz-me que foi precisa imensa paciência até eu me resignar a andar para a frente.

O meu pai a ensinar-me um jogo de tabuleiro. Talvez damas, talvez xadrez. Eu não conhecia as regras. Ele piscava os olhos quando eu quebrava uma regra do jogo. Levava sempre o jogo até ao fim. Ganhava sempre, o que não fazia era perder, vencia ele e perdia eu, gostava de vencer. Dizia-me ao ouvido: venci. Nunca cheguei a conhecer as regras. Damas, xadrez. Entretanto cresci, perdi a vontade de jogar e o meu pai desapareceu.

O meu pai, desapareceu.

Não ter pai, por aqui, é moda. É um presente do alcoolismo, da transição para o capitalismo. Não ter pai é um hábito, uma terapia de choque. As pessoas têm os pais enterrados, mortos, ou emigrados à procura de dias melhores. Só eu não sei nada do meu pai.

Nada sobre nada, camadas de nada. Apercebo-me do nada.

Vejo-me Pinóquio. O meu pai regressa e oferece-me uma vida nova enquanto boneco de madeira. Problema: quando minto, o meu nariz aumenta. E minto muito, ora se minto.

*

As mulheres possuem o segredo da velocidade e os homens esperam que o segredo lhes apareça à frente, evidente e nu como partilhar pão entre amigos. As velocidades dos filmes americanos provocam-me uma sensação de solidão. A futilidade das corridas de automóveis, vários homens às voltas num autódromo, a tentarem revelar os segredos das mulheres. E os acidentes.

Na vida é tudo amor ou falta de amor, na vida é tudo falta de amor. Falta amor na América, falta amor no coração dos homens e na cabeça das mulheres. O amor é um lugar onde queremos chegar antes de partir. Uma viagem, portanto. Conhecer a cor do que nos falta, mas não a

forma. Metade da nossa personalidade é a falta ou o excesso de relações sexuais. Na maior parte das vezes, falta. É o meu ponto de vista. Já namorei uma tenda de campismo para duas pessoas na montra de uma loja. Para quando existisse uma segunda pessoa, para quando eu quisesse fazer campismo.

As mulheres são uma verdade que desconheço, uma verdade importante. Com as mulheres, fui proibido de tocar as peças de xadrez antes de ter as certezas, antes de conhecer as regras. A minha melhor posição imaginária é sentado, com as pernas direitas e os pés assentes no chão, os joelhos a tocarem-se, as mãos no regaço, não sei onde, à espreita.

O mundo é governado por essências e eu perdi o olfato. O mundo extingue-se e eu caminho sozinho na extinção.

Talvez um dia eu seja um homem de cera.

*

A ideia de masculinidade exige um planeamento. Experiências sobre a ideia de homem. Alguém me falou de relações heterossexuais platónicas num campo de prisioneiros, nos meses do frio. Quantidades consideráveis de amor sem expressão concreta, por assim dizer. As pessoas inventam sempre uma coisa para se consolar. Pecados mortais num campo de prisioneiros, seis ou sete homens à mesa, à espera do pequeno-almoço preparado pela mamã. A gula e o resto.

*

É difícil imaginar até que ponto uma pessoa é uma coisa intensa, sozinha e triste. Desesperada. Invisível a si mesma, mãos e olhos à espreita. Transparente e honesta. Numa palavra: cruel.

Encosto o indicador à cabeça e, lá dentro, penso numa arma apontada à minha cabeça. Disparo, não disparo? Vivo há anos com esta pistola. Sobrevivi a seiscentas tentativas de assassínio, sou um ditador

sul-americano, um dos simpáticos, daqueles que têm problemas com os norte-americanos. A minha vida é a espera por um assassino. Estou preparado.

— Você é muito bonita. Posso tratar-te por tu?

— Não.

— Você é bem, bem bonita.

Aconteceu outra vez. Disparo?

*

Não sei o nome do meu pai. A minha mãe não me conta nada, eu deixei de perguntar. Mesmo o nada devia ter mínimos. Para me provocar, os colegas da escola atiram-me nomes de pais ao acaso, em voz alta, nomes impossíveis, às vezes estrangeiros. Uns dizem que se chama..., outros... A minha mãe fala do meu pai quando e como quer. Pode ter havido amor, pode ter havido violência. Do meu pai sobre a minha mãe, ou da minha mãe sobre o meu pai. Não me lembro de nem uma violência.

Os crocodilos bebés sabem guinchar e grunhir, os adultos rosnam, assobiam, e podem rugir. Das lágrimas já sabem, são falsas. Descobriu-se que os crocodilos reagem aos ruídos de motor, ao som de uma arma de fogo, à presença de um ser humano que imita a fala dos crocodilos.

A minha mãe está há três anos a falar sozinha a tentar dizer o que pensa. Não é muito tempo.

Aquele dia em que perguntei o nome do meu pai e a minha mãe ficou três dias sem me falar. Gostei dela assim calada. Senti-me triste, senti-me culpado, mas gostei. Poupei as palavras para mais tarde, quando conseguisse falar sozinho.

*

O crocodilo é um animal que me sossega. A arrastar-se pela sala, os

dentos dez centímetros acima da alcatifa. O meu apartamento é uma caverna escura, a paisagem não é feia, não há janelas. A porta é estreita, baixo a cabeça quando entro. Encosto o pescoço à ombreira da porta, aproveito o cheiro a madeira de uma guilhotina preguiçosa. Existe uma claraboia colada ao teto, muito estreita. Olho para o céu lá fora e não vejo sombras de nada de bom. Já falei disto: o teto é baixo e a luz, à noite, assemelha-me a um santo. O espaço é apertado, como roupa colada ao corpo, dá vontade de ir à casa de banho. E, no entanto, a escala de mim diminui a olhos vistos, dia após dia, os braços dedos, o coração um latido, os olhos, na prática desaparecidos. Esforço para me manter a certa distância de mim.

Ofereceram-me um crocodilo bebé quando eu era incapaz de cuidar de um ser vivo, e isso incluía a minha mãe. O crocodilo cresceu, verde, viçoso, resignado. Um dia, surpreendeu-me nu, no meio da sala. Ficámos em silêncio, o crocodilo e eu. A nudez é uma maneira de perceber as dimensões reais de um compartimento.

As mulheres, não é que não gostem de mim, é que não gostam o suficiente. Falta-me vontade para entender os homens, não sei o que fazer deles. Pedra, papel ou tesoura? Não é tudo físico.

Os homens acompanhados vivem mais tempo. Qual é a minha esperança de vida? Enquanto há vida, há esperança de vida. Penso muito numa mulher, uma mulher a sério, por quem me apaixonar. Passo tanto tempo nisto que já não exijo demais do amor, uma mulher basta-me. Bela, carinhosa, inteligente, emancipada. Emancipada é, de todas, a palavra mais bonita. Gosto. Enfim, bonita e atenciosa também não era mau.

*

Ivan e Galina. Galina, imagino-a com uma barra de chocolate a derreter no bolso do casaco enquanto faz amor com um desconhecido. Desconhecido para mim. Chocolate negro, a 70 por cento, o casaco de Galina a sujar-se por dentro, como sangue escuro. O desconhecido, afinal, é Ivan, Ivan faz amor com Galina, mas Galina despiu o casaco

antes de fazerem amor e o chocolate não derreteu. Os dois estão felizes, na minha imaginação.

Plano: tornar-me feio, tornar-me triste, publicar um anúncio no jornal. Jovem procura mulher fumadora para namorar. Convencê-la a deixar o tabaco, boca a boca, com a ajuda da língua. Visto de dentro seria mais bonito.

*

Não sei em que dia comecei a ver *A Ilha do Amor*. É um programa de televisão. É na Austrália. A ilha não é exatamente a Austrália, é uma ilha pequena ao largo da Austrália. Para nós, pensar numa ilha ao largo de outra ilha é magia. Tanto mar, tanto! Um pedaço de terra rodeado de água por todos os lados, ao pé de uma terra maior, também cercada por água.

Anúncio: o programa que se segue contém amor. Onze estranhos aterram numa ilha à procura do amor. São obrigados a viver juntos, numa vivenda luxuosa, afinal esta é a grande aventura das suas vidas. Deixem-nos dizer alguns nomes: nome da pessoa, nome da pessoa, nome da pessoa,... E agora isto. Nome da pessoa: Nunca ninguém cuspiu comida na minha boca. Nome da pessoa: Fico feliz por ser a primeira pessoa a fazê-lo. Anúncio: Cada novo hóspede é uma nova hipótese para o amor. Nome da pessoa: És tão bonita. Anúncio: Só as relações fortes sobrevivem. Nome da pessoa: Vou lembrar-me desta Ilha do Amor para o resto da vida. Anúncio: Só quatro casais sobreviverão. Anúncio: Cem mil dólares. Pergunta: América, quem é o teu casal favorito? Perdão, pergunta: Austrália, quem é o teu casal favorito? Anúncio: E os vencedores são, e os vencedores são? Nome da pessoa: Vocês acreditam que estamos mesmo aqui? Nome da pessoa: Eu não acredito. Nome da pessoa: Eu não. Nome da pessoa: Eu também não. Anúncio: Aqui ninguém acredita. Nome da pessoa: Isto é selvagem. Nome da pessoa: Eu quis vir e agora tenho o que mais queria, tenho-te a ti. Nome da pessoa: Eu não mudava nada, eu não mudava nada por nada deste mundo. Nome da pessoa: Eu sinto que já ganhei. Nome da pessoa: Que já ganhámos. Aplausos. Anúncio: E os vencedores são? Anúncio: As senhoras agora estão fora da casa. Nome da pessoa: Graças a Deus. Anúncio: Graças a Deus?

Televisão da realidade, o que é? Homens muscudos e mulheres bonitas numa casa, dedicados aos insultos, a apaixonarem-se. Também mulheres musculosas e homens bonitos, é televisão, há de tudo. Quando as pessoas se apaixonam, as imagens na televisão mostram-nos isso mesmo, e muitas vezes.

*

Aprender sobre o amor na televisão australiana. A Ilha do Amor. Não somos uma ilha e não andamos nus. A televisão fala da realidade mas antes temos de imaginar como as coisas são. O amor, para mim, é primeiro imaginação, e depois realidade. Para mim, amar uma mulher é ficção. Ficção e mentira são coisas diferentes, os pobres e os sozinhos precisam muito de ficção. Queria tocar-lhe o corpo e contar-lhe histórias simples. Não somos uma ilha e não andamos nus, por aqui a beleza é como o dinheiro, passamos privações. Cruzo-me com uma desconhecida, penso «belo corpo» e as palavras «belo corpo» afastam-se de mim, de mãos dadas com a mulher. No café, uma mulher treina o seu cão aos gritos: «Deita! Deita! Deita!», está à meia hora nisto. Quero ser aquele cão. Deitava-me logo, a mulher nem precisava de gritar para eu aprender a ladrar. Olhá-la de baixo, com os meus olhos de cão.

— Estás com cara de ter encontrado o amor. Tem cuidado — avisa-me Ivan.

— Não encontrei.

— Não te preocupes com o amor, ninguém escapa. Mais cedo ou mais tarde, ninguém escapa. — Penso em Galina e Ivan e na barra de chocolate negro a derreter.

Não falava da morte, falava do amor. Ninguém escapa. Há um amor certo para cada um, é só encontrá-lo. Pode estar na Índia ou no Japão, o nosso amor pode esconder-se entre as pessoas estrangeiras. É só viajar, de bicicleta, anos a lavar pratos e a comer pão com salsicha até o encontrarmos, ao amor. Quem não sonha com isso? Uma viagem à procura do amor, sem pegada ecológica, as rodas da bicicleta a deixarem o seu rasto no Sara e em Machu Picchu. A Machu Picchu só se chega de comboio. O Sara de bicicleta é impossível, seria como fazer pouco dos

camelos.

*

É um dia de inverno, a minha mãe veste um casaco quente e vem buscar-me à escola. Tenho frio e a minha mãe não me oferece o casaco. Pergunta-me porque correm mal as coisas entre mim e as mulheres. Sinto a minha mãe a imaginar-me ao frio. Menos quarenta, centígrados, menos quarenta graus centígrados. Olho para ela, só de camisa, não falo porque tenho a língua e o nariz congelados. Esperei pela minha mãe ali, ao frio, sou um bom filho, posso morrer. Chuva, pão, filho, frio, e não, nesse dia a minha mãe pronuncia estas palavras várias vezes.

Dizem que a minha mãe tem um problema mental, um dos mais lindos, a tristeza. Muita tristeza.

— A tristeza é como a democracia, é do mais democrático que há. Há celebridades tristes.

— Está bem — responde-me ela. — Mas eu nunca vou poder falar da minha tristeza com fotografias de um destino turístico.

— Contas-me a mim, mãe, contas-me a mim.

Queixa-se de que nunca será uma celebridade. Contra factos não há argumentos. Não existe consolo para a tristeza dos pobres. Ou melhor, há uma lista de espera para consolar os pobres. Se virem alguém na lista de espera da tristeza, é pobre de certeza, os ricos usam comprimidos. À minha mãe, a tristeza sorriu-lhe com os dentes todos. Durante algum tempo, chorava só quando chovia, felizmente chovia muito. Preparava as refeições embebida na maior tristeza. Depois de jantar falava-me do Canadá ou da Nova Zelândia. Há qualquer coisa na Nova Zelândia que anima qualquer um. Na Nova Zelândia as paisagens fazem cinema sozinhas, mais na Nova Zelândia que no Canadá.

Tenho uma ligação ética à minha mãe. Também choro.

Gosto de ouvir as árvores e a chuva. Levo um banco para a floresta e fico a ouvir as árvores e a chuva, mais a chuva. Volto para casa, a minha

mãe sorri e percebo que esteve a rir de mim por eu sair para ouvir a chuva.

*

Fala pouco, a minha mãe, fala de tudo menos daquilo, aquilo é o meu pai. Partiu. Abandonou-nos? A minha mãe, ocupada a esquecer. O meu pai, livre e desaparecido. Aprendi a falar com uma mãe que não fala, é como aprender a ver no escuro. O céu cinzento, uma mãe ferida.

— Onde está o pai?

— Os homens morrem sempre primeiro — garante-me. Não está a brincar.

Uma cor viva, por aqui? O cinzento. Escuro. O cinzento faz-nos comichão nos olhos, o cinzento é um espetáculo! A falta de montanhas é uma metáfora que assusta. Como se não pudéssemos ir a lugar nenhum, nenhuma paisagem a chamar-nos de longe. Onde há montanhas, os vales não passam de lugares para descansar os olhos. Quanto mais devagar andamos, mais velhos ficamos, se pararmos, ficamos paisagem, cinzentos da cabeça aos pés. Tornamo-nos excelentes, cronológicos, tornamo-nos o cinzento atrás do preto e do branco, o cinzento evidente, a escurecer lentamente.

*

— Um dia, a polícia trouxe para aqui um homem para o torturar. A paisagem era tão bonita que desistiram. — Ismail sabe uma ou duas coisas sobre a tortura.

— É verdade, Ismail?

— É verdade.

— Parece uma história tirada de um folheto turístico, isso da tortura. Há testemunhas?

— Claro que há testemunhas. A paisagem foi testemunha, já olhaste bem à tua volta?

Os espaços vazios obrigam-nos a pensar nos outros, nos crimes e

nos desaparecimentos. Preencher os vazios com a memória envergonhada do fim.

— Ando à procura de palavras para o que eles fizeram — anuncia Ismail.

— Não penses nisso, já passou.

— Não consigo, tenho as palavras presas na minha cabeça.

Ismail é um involuntário da memória, não nos resta senão agradecer-lhe. Finge que cometeu crimes dos seus antepassados, anteriores ao seu nascimento. É uma forma de perdoar, de ser culpado, cada um tenta ser perfeito à sua maneira. Podia ser um pássaro, Ismail, uma vaca que voa, um extraterrestre que aterrou no nosso chão e a nós não resta senão perdoar-lhe.

*

O cérebro dos crocodilos é do tamanho de um cigarro, para eles é tudo uma questão mental. Cigarro sem filtro. É cérebro suficiente para abrir e fechar as mandíbulas, mais fechar que abrir, cérebro que chegue para comer um animal pequeno ou um hipopótamo. Eu não sou mais que um hipopótamo. Os cães imaginam-se duas ou três vezes o seu tamanho. Os crocodilos não usam a imaginação, os crocodilos sabem que são duas vezes nós, e mais gordos, três vezes nós. Quem alimenta um crocodilo testa o limite da teoria da evolução. Os crocodilos comem pedras para ajudar a digestão. Nisso são como galinhas, avestruzes. Há pedras a durar anos dentro de crocodilos.

O meu crocodilo viajou para a Europa na mala de um missionário. Era um crocodilo bebé. Um missionário que gostava de crocodilos.

— Um mercenário — corrige a minha mãe. — Mercenário, não missionário.

Já ninguém acredita, há homens que tentaram a sorte como mercenários. Eu tinha sete anos, nessa altura o tráfico de animais exóticos não era o que é hoje, ninguém fazia perguntas sobre crocodilos

bebês. Os afrodisíacos ajudam à extinção das espécies. Afrodisíacos é como quem diz, os sem amor acreditam em qualquer coisa. A esta hora, há homens a ingerir poções mágicas feitas de corno de rinoceronte, à pressa, em quartos de hotel. As melhores poções são para ricos, as mágicas para os pobres, mas o efeito é o mesmo, morram ou não morram rinocerontes. Há homens infelizes a viver com mulheres infelizes, cada um gasta o dinheiro como quer, se não fossem os afrodisíacos, seriam os jogos de computador. A afastar-nos uns dos outros, a acabar com os diálogos dos casais infelizes.

*

O nome do meu crocodilo é Benito. Vá lá, adivinhem o apelido. Como se um crocodilo precisasse de apelido!

*

O velho Andrei enterra comida no jardim, prepara-se para o fim do mundo. Imagina o fim do mundo a apanhá-lo em casa, pronto para desenterrar alimentos do chão. O fim do mundo será uma oportunidade para viajarmos sem dar por isso, a maioria de nós não voltará, nunca. Andrei enfurece-se quando os animais domésticos lhe desenterram os alimentos para o fim do mundo. Faz um buraco novo, para não se atrasar para o fim do mundo.

— A impotência é o remédio para a masculinidade tóxica — explica.

Mais tarde ou mais cedo, todos os masculinos deixam de ser tóxicos. Andrei gosta de falar da sua impotência relativa, sublinha sempre a palavra «relativa». Pode estar a falar da morte. Tem a pose de um sacerdote da infertilidade, um atleta da impotência. Aos oitenta, uma pessoa é uma cidade bombardeada duas vezes. A nossa cidade tem pelo menos mil anos, percebe-se pelas pedras, aprende-se no ensino obrigatório. Impossível não perceber que passou por aqui uma guerra. A última reconstrução destruiu os sinais das reconstruções anteriores. A nossa velha cidade está bonita? Talvez. Mas por quanto tempo?

Impossível não perceber que passou por aqui uma guerra.

— Matei muitos homens e amei muitas mulheres com estas mãos!

— Andrei mente, mente acerca das mulheres. Não foram muitas, e não foi amor. Amacia o brilho da careca e anuncia que o cabelo lhe vai crescer outra vez.

As florestas, de tão verde-escuras, esperam por outra guerra. A escuridão esconde coisas más, algumas mortes, aos milhares. Os pássaros e os javalis espalham ruídos diferentes a diferentes horas do dia e os bisontes voltaram, os bisontes europeus, imagino-os a chegar à noite, de comboio, sentados em vagões de madeira, entre as crianças e os crentes, misturados com os índios. Há pessoas que desapareceram na floresta feitas terra, feitas fumo. Exceção para os índios, esses estamos à espera de que nos surpreendam, de que fujam da floresta para vir lutar por nós na próxima guerra na Europa. Chegarão sedentos de vingança, nunca perdoaram aquele engano de lhes chamarmos índios. Serão índios bons.

Andrei fala. Teve uma namorada em Paris, outra em Berlim, ainda namora uma mulher nos arredores de Moscovo. Não acredito. Andrei esteve sempre aqui, a não ser durante a guerra, e guerra é guerra. Às vezes, à noite, fala-nos das cicatrizes.

— Tenho uma aqui, na parte de trás do... E outra aqui na barriga.

Não levanta a roupa, nunca lhe vemos as cicatrizes, acreditamos. Andrei combateu de Berlim aos arredores de Moscovo e de volta a Berlim, aos arredores. É geografia suficiente para duas ou três namoradas, muitos mortos, várias feridas. A tentativa de procurar sentido para a vida debaixo da roupa. Diz que vai no terceiro casamento, não conhecemos as primeiras mulheres, tememos o pior, podem não existir. A terceira também é mulher nunca vista. Um boato? Diz-se que Andrei chora a ver pornografia. É falso, provavelmente, mas tem cara de chorar muito, talvez demais.

— Um dia ainda vais precisar de óculos, de tanto chorar — atira Gregori, a brincar. — Um dia ainda ficas com a mão torta, ainda ficas

coxo de tanto chorar.

*

Trabalho numa empresa de reciclagem. Muita coisa nos tem abandonado, mas não a reciclagem, a reciclagem chegou sem avisar e desde aí nunca mais parou. É uma coisa moral, a reciclagem, é coisa do lixo. Com as coisas morais sinto-me enganado. Há incentivos, dinheiro europeu, subsídios internacionais. É bom trabalhar numa empresa dedicada à reciclagem, dedicada é uma palavra bonita. A reciclagem mudou-se para aqui fugida de um país rico onde poluía imenso, isso e a mão de obra. O preço da mão de obra, para sermos exatos. Para funcionar, a reciclagem precisa de salários baixos em quantidades insuportáveis para um país rico. Sem salários baixos nem subsídios, a reciclagem são só boas intenções. O patrão da reciclagem diz que está numa corrida entre a tecnologia e os salários baixos. Por enquanto, ganham os salários baixos. Ou seja, ganhamos nós.

— A reciclagem não pára, é como os vivos e os mortos.

O patrão da reciclagem. Desenha um círculo com a mão, o indicador espetado a subir com a palavra vivos e a descer com a palavra mortos. É como se o dedo falasse grego ou chinês. Línguas clássicas, incompreensíveis, naturalmente. O chinês é o novo clássico.

— Este é o meu capitalismo — insiste. — E se não gostam deste capitalismo, arranjem outro — explica.

Preparo-me para dizer um «nada disso». Enfático. Pontual. Definitivo. Em vez disso, calo-me, ou seja, permaneço calado.

— Não tem nada a dizer, Vladimir?

Insisto em não dizer nada até o patrão acreditar que não tenho nada a dizer.

*

O patrão da reciclagem, o seu nome é Lazarus. Parece intencional, Lazarus soa a pseudónimo de homem morto.

*

Quem desacelera na linha de reciclagem é imediatamente descoberto. A velocidade não sofre com os salários baixos. É impossível abrandar o ritmo, os plásticos e o cartão, o vidro e o metal não esperam por nós, passam semivivos, querem higiene, querem atenção, querem tomar banho, carinho de mãos. Na reciclagem a salvação do mundo tem a precisão de uma fábrica de alfinetes. A reciclagem é um trabalho de mãos, quem diria? Há turnos noturnos, a salvação do mundo não dorme, os dias são iguais às noites, não foram separados, não é o princípio do mundo, as condições de trabalho são terríveis e não as vejo a melhorar. A reciclagem não é sobre o presente, a reciclagem trata do omnipresente, os horários são semanais, os dias iguais, das nove às cinco e transportes públicos, turnos noturnos e os dias assim iguais até ao fim do capitalismo.

Quando estamos cansados, mostram-nos uma cidade japonesa que só existe em vídeo. As pessoas separam o lixo de casa: 5 tipos de metal, 7 de plástico e outros 7 de vidro, 11 de cartão e papel. É difícil imaginar 7 tipos de plástico, para mim é, e eu sou do ramo, por assim dizer. Assistir a vídeos de cidades japonesas torna difícil não desejar que a Europa inteira seja japonesa, se não em estatura, pelo menos na atitude, na paciência, e no método. Nessa Europa nós não teríamos emprego, não senhor, mas seria lindo viver num mundo japonês onde a separação e a triagem seriam um negócio de família e o lixo sairia limpo da casa de cidadãos mal dormidos mas felizes. A cidadania trocava duas idas ao cinema por serões de reciclagem na mesa da cozinha, à volta de detritos, entusiasmada com este trabalho manual para ricos. A Terra agradeceria, e agradeceriam as empresas e os governos! Não se vai tanto ao cinema como antigamente.

*

A minha cidade descansa a um canto da Europa, indecisa entre três países diferentes. Os edifícios públicos já pertenceram a quatro ou cinco nações inimigas. Nem eu nem ninguém fala a língua dos nossos avós. Quero aprender alemão, a minha música preferida é a brasileira. Coleciono letras ao acaso, que não entendo.

O amor da gente é como um grão, uma semente de ilusão, o ciúme lançou sua flecha preta, e se viu ferido na garganta, oh, pedaço de mim, oh, metade arrancada de mim, como em qualquer lugar, como se a vida fosse um perigo, viver é melhor que sonhar, eu sei que o amor é uma coisa boa, eu acredito é na rapaziada que não foge da fera e enfrenta o leão, por que se chamavam homens, meu coração, não sei por quê, bate feliz quando te vê, metade de mim grita, a outra metade é silêncio, e tu pisas nos astros distraída, divina e graciosa estátua majestosa do amor, não chore não, viu, que eu voltarei, viu, se já perdemos noção da hora, peito aberto, coração na boca, matando a sede na saliva, ser teu pão, ser tua comida, mas isso não impede que repita: é bonita, é bonita, e é bonita.

Não entendo uma palavra, embora o brasileiro se fale em várias partes do mundo. Fale e cante. Nenhum dos meus avós falava brasileiro, eu nem sequer falo a língua dos meus avós. Todos os anos, em fevereiro, assisto ao Carnaval na televisão. Quero reencarnar como mulher a dançar o samba. Ninguém escolhe a sua reencarnação, dançar o samba não é tão difícil como parece, é uma vocação. Imagino-me vestido para o Carnaval, penas e plumas e cores e brilhos, estou disfarçado de mulher bonita e tenho asas, rodo quase nu numa torre alta e os de baixo olham para mim. Nunca me vesti de mulher, mas para a reencarnação faria uma exceção, por causa da alegria.

Não somos do Leste, o Leste já não existe, somos do ex-Leste. Somos ex-fascistas e ex-comunistas, por esta ordem, somos a Europa dos ex. Pena não sermos um país surrealista, divertíamos-nos mais. Estamos no meio da Europa, há Europa por toda a parte, não temos saída. Deviam chamar-nos O Meio, O Meio da Europa, como se diz O Meio da Europa em alemão? Estamos a um passo da planície euro-asiática, euro lembra dinheiro, asiática é a outra palavra para frio. Dinheiro alemão, sossegadinho como num sonho. Um dia, prometeram, estaremos a menos de nove horas de Berlim. Três mudanças de comboio pelo caminho, quatro no máximo, em lugares sentados é outro conforto.

Penso em comboios e dá-me uma vontade repentina de aprender alemão técnico.

Aquela oração de silêncios, das antigas: «estamos a menos de nove horas de Berlim».

*

A nossa vida social divide-se entre a bomba de gasolina e o supermercado alemão. E uma farmácia minúscula. A bomba de gasolina tem um café, o supermercado alemão tem preços espetaculares. Uma quantidade impressionante de doentes na cidade, o que é bom para a farmácia.

O supermercado alemão. Vou lá para não estar sozinho. Aprecio a companhia das coisas baratas, algumas boas, outras muito más, entretenho-me a separar as boas das más, o dinheiro não chega para tudo. As pessoas não dão o devido valor aos supermercados para pobres. As estantes metálicas, não paralelas, os pedaços de alface no chão, as cabeças de peixe e os pescoços de galinha a espreitar dos bastidores. Os produtos que não entendo, produtos para pobres mais pobres que eu. A ideia obsessiva de que há por ali um produto, um produto inexplicavelmente barato que vai mudar a minha vida e ser a minha salvação. Um miraculoso creme alemão, o seu nome solar em letras brancas lembra neve empacotada num céu azul redondo. Os supermercados baratos são um lugar para fingir que estamos vivos. Estão todos a fingir, não devemos olhar os olhos dos outros porque íamos perceber, e cada um sabe de si, é como se tivéssemos vidas diferentes. As mulheres idosas a comprar comida de bebé. Os velhos a levar duas ferramentas iguais para casa, hoje estão mais baratas. Coisas destinadas ao que resta da classe operária e das donas de casa. Quem disse que a classe operária estava desaparecida em combate? O restolhar das moedas nas mãos atentas dos idosos. Uma senhora de meia-idade obrigada a devolver um frasco de azeitonas gregas explica: «eu fui professora toda a vida».

— Anton, tu gostas mais do supermercado do que eu.

— Os produtos brancos. Sabonete, pasta de dentes, tâmaras da Argélia.

— Tu sempre gostaste dos produtos brancos.

— Nem por isso, aconteceu, não há dinheiro para mais — explica. — As tâmaras da Argélia não são produtos brancos — corrige.

Os supermercados baratos foram inventados a seguir à guerra, quando a Alemanha estava destruída e os alemães não tinham dinheiro. O negócio correu tão bem que agora somos nós quem não tem dinheiro e faz compras no supermercado alemão à procura de paz e companhia. É isto ou emigrar.

Gosto de falar das coisas de uma forma abstrata. Ou não falar. Gosto da Europa, não há outra. O sonho desta cidade é reciclar metade do lixo do mundo e ser respeitada por isso. O outro sonho é trocarmos o pequeno supermercado alemão por uma grande loja sueca que venda mobiliário e almôndegas com puré.

*

Anton diz que a minha mãe matou o meu pai e o enterrou a seguir. Sozinha. No quintal. Diz por dizer. A minha mãe, com os seus bracinhos tão frágeis! Não a imagino a cavar um buraco com as próprias mãos, duas horas seguidas, só para enterrar o marido no chão do quintal. Já o meu pai, dizem-me, era louco por jardinagem. Passava horas a remexer a terra, sozinho. Anton falou da jardinagem do meu pai antes de a minha mãe o enterrar no quintal.

— O teu pai, um dia, disse-me isto. — Anton cala-se. Cheira a própria roupa, por lavar, faz olhinhos, como quem esqueceu uma história importante, fica cinco minutos a apalpar a sua roupa suja, como se já não fosse uma pessoa.

O meu pai, imagino-o no futuro e de branco, o cabelo branco. As unhas e os dentes brancos. O futuro não é sustento para ninguém. O nosso futuro é miserável, muita gente prefere o passado, envelhece a amar o passado.

Quando o meu pai partiu, a minha mãe cobriu-se de pó e ferrugem. Dia a dia, ano a ano, não deixou de ser mãe. Um dia despiu-se frente ao espelho e desviou os olhos do reflexo. Era um trabalho. Pousou a mão direita sobre o seio esquerdo e deixou-a ficar ali, perto do coração, portanto. Contou-me isto, a parte da nudez e a parte do espelho. Eu não estava lá.

O meu pai está ao meu lado e é meio-dia e é de noite. Fala-me ao ouvido e eu não ouço nada, por ser de noite. Sussurra-me, na escuridão pensa que estou a dormir. Fala tão baixinho! Acordo e continua a ser meio-dia mas a escuridão cobre o mundo de uma noite imensa. O sol desapareceu. Sentado na cama, tenho a nítida impressão de primeiras chuvas.

Na minha cabeça, o meu pai parece uma criança, parece um filho. Não sei como consegui fazer um pai como ele, não o reconheço, não sei quem sou, imito um extraterrestre, é uma invenção que funciona. Penso no meu pai como uma fotografia. Escondida. No bolso de trás das calças. O meu pai é a fotografia que levo para todo o lado, o meu pai é uma fotografia para eu lembrar. Procuro o meu eu interior. Sofro vertigens, interrompo a aventura a tempo. Sento-me à janela, junto à minha mãe. Estamos lado a lado, a janela aberta. Duas cadeiras. Ficamos horas assim, sem falar do meu pai. Digo um pai-nosso ao vento e à chuva. À chuva é mais difícil. Já perceberam que não sou religioso, mas quem reza à chuva molha-se.

No dia em que o meu pai partiu, cheirava a água, a frio e a neve. O odor sólido do inverno endurecia-lhe a batinha das calças. Apetece-me chorar quando penso nesse frio, já me habituei, não choro. Uma situação que não aconteceu, lembro-me bem: a minha mãe chorava e o meu pai chorava, toda a família chorava, o meu pai chorava, a minha mãe e eu chorávamos e o bebé dentro da barriga da minha mãe chorava. Nunca aconteceu, nunca aconteceu. A minha mãe é uma magnífica mulher infeliz. Devo-lhe tudo. O meu pai é uma metáfora que fez um filho e foi-se.

Os crocodilos vertem lágrimas quando mastigam animais. Não são lágrimas, são como lágrimas. Não são remorsos, são fome. Ter pele de crocodilo, chorar lágrimas de crocodilo. As pessoas não gostam de usar malas de pele de crocodilo porque pensam nas lágrimas dos crocodilos bebês.

*

A recordação nítida de uma brincadeira. Eu tinha sete anos e o meu pai estava de gatas, era um cavalo. Eu era o cavaleiro, era um adulto, cavalo e cavaleiro, não sabíamos para onde íamos. O problema desta memória é que aconteceu tinha eu dois anos, a idade de que não temos memória. Fui eu quem brincou sozinho? Fui eu o cavalo a gatinhar e eu o cavaleiro? Não me lembro, ninguém pode saber.

*

Desde pequeno tenho a sensação de que a vida não é isto e o lugar certo não é este. Talvez não se perceba, mas não penso demasiado na existência.

Também já sabem o meu nome. Vladimir. Se não sabem, ficam a saber.

*

Vontade de aprender russo ou alemão. Sonho com o latim, decido-me pelo alemão. O latim é uma língua bonita, é uma língua morta, inútil na emigração. E porquê alemão?, perguntam. *Warum Deutsch?* Porquê alemão? Aprender línguas é importante. Um dia ouvi a palavra *Gotterdamerung* e deu-me vontade de emigrar para a Alemanha. *Gotterdamerung*. *Gotterdamerung*. Isso ou os salários altos. *Gotterdamerung* é uma palavra muito bonita.

— Não digas essa palavra, que se riem de ti na Alemanha — avisa-me Maxim.

Nesse mesmo dia, Maxim deixou um bilhete de suicídio, mais um. Falava da tristeza e de um tremor que lhe apareceu nas mãos. Nunca lhe vimos as mãos tremer. Não morreu, nem sequer se suicidou, suspeitamos que nunca o fará. Maxim gosta de escrever bilhetes de suicídio, são uma desculpa para falar da vida. Não há homem que goste de morrer sozinho. Uma mulher é uma companhia para a vida. Romeu e Julieta decidiram morrer e fingiram morrer. Não era pelo amor, era pela companhia.

Há quem esfregue as mãos no frio, os olhos esbugalhados à espera de que o génio saia de uma lâmpada. Os homens bebem muito, bebem qualquer coisa. Um génio saído de uma lâmpada num lugar como este ia duvidar dos seus poderes, ia fugir a pé para a Alemanha, pelo caminho das raposas e dos porcos-espinhos. Entre ser génio aqui ou operário na Alemanha, eu sei o que o génio escolhia. O dinheiro por aqui é um Deus louco, um vulcão aceso, o dinheiro é água pelo pescoço a apertar-nos a garganta. Há pobres a abandonar o seu lugar de conforto e a emigrar para a Alemanha. Ou emigram ou cometem suicídio, o suicídio seria autodestrutivo. Há opções, é bom saber. O suicídio, por exemplo, seria muito mau para mim.

Em sonhos, um agente funerário sussurra-me ao ouvido: deixa-me ser teu amigo para sempre.

O estrangeiro é uma bailarina exótica de meia-idade, bem alimentada. O estrangeiro é uma mulher experiente. Emigrar para os braços de uma bailarina. Na Alemanha quero trabalhar como um cão pastor. Nota para mim mesmo: aprender a ladrar.

*

A um mafioso que o ia matar como a um cão, um cómico mexicano desculpou-se, pois nem sabia ladrar. Eu sou esse homem, quero aprender a ladrar antes de morrer. Não é bonito, não é para rir.

*

Warum? Porquê? Caminho pelas ruas a perguntar *Warum* aos edifícios, às plantas e ao chão. *Warum?* Quero atravessar a Europa a perguntar *Warum*. Será uma viagem para compreender. *Warum, Europa?* Europa é Europa em alemão.

*

Sonho: emigração. Projeto: aprender alemão. *Das Kind, der Junge, der Mann*. Criança, menino, homem, em alemão ainda não sei quem sou. Digo *der Mann* e é um erro, a resposta certa é menino, sonho ser um menino alemão a trabalhar numa empresa alemã. Engenharia alemã. Aprender alemão enquanto faço sexo. Primeiro conhecer a mulher certa, não tem de ser alemã. Se aprender alemão é complicado? Não é, as pessoas complicam, porque não sabem. Por exemplo, eu não sei nada sobre sexo.

O alemão foi a língua dos invasores e depois a língua das vítimas. Já fomos de tudo, estamos a adaptar-nos, foi tão rápido que esquecemos detalhes da língua. *Wunderbar*, para mim, é um bar aberto cheio de maravilhas. Nunca vi um na vida. A humanidade não faz outra coisa senão humanismo. Devia fazer mais coisas.

Isaac conduz o último autocarro da noite. Gosta de chorar e olhar as lágrimas no espelho retrovisor. É isso ou dizer poesia. As pessoas preferem que chore, há quem baixe a cabeça, quem aplauda com a ponta dos dedos. A Alemanha está a muitas horas de autocarro, a Alemanha já esteve aqui, a Alemanha já veio ter connosco. É fácil emigrar para a Alemanha sem atravessar o Rio Grande nem o Mar Mediterrâneo. Uma das vantagens de ser europeu é emigrar a pé. É só metermo-nos ao caminho, pé ante pé. Incomoda-me ainda não estar na Alemanha. É como se me perguntassem «ainda estás vivo?», todos os dias. Penso na resposta. É bom saber que o nosso destino, um dia, estará a nove horas de comboio, treze ou catorze de autocarro.

*

Nos filmes sou a favor dos crocodilos. Aconteceu a primeira vez num filme do Tarzan. Ganhou Weissmuller, o campeão de natação, o crocodilo perdeu. Weissmuller quer dizer moleiro branco em alemão. O melhor Tarzan de todos era um emigrante de língua alemã. Se eu emigrasse para a América, emigrava como crocodilo. Os crocodilos de cinema nunca conseguiram apanhar o Tarzan debaixo de água. Eu ia ser o primeiro crocodilo de língua alemã a morder o Tarzan. Debaixo de água. Nada mau para sonho americano.

As pernas de Svetlana são como o Chile, magras e compridas como o mapa do Chile. Dois Chiles lado a lado.

— As tuas pernas lembram-me qualquer coisa.

— Esquece.

Ontem viajei brevemente pelos Estados Unidos. No sonho, tinha os olhos abertos. Aqui somos europeus de olhos fechados, não temos escolha. Acreditamos nos políticos, menos que no Pai Natal. Estamos à espera de receber presentes de desconhecidos.

*

Para os meus pais o capitalismo e a adolescência chegaram ao mesmo tempo. Ficaram confusos, e eu nasci. Sou filho de pais solteiros, mãe solteira e pai solteiro, fizeram-me naquele instante em que gostavam um do outro. Eu sou aquilo que durou. Os filhos são instantes que duram. Que contraste formidável: o momento de espanto e prazer, e depois a longa duração, os cuidados com o bebé, a alimentação e as fraldas, as primeiras palavras, os primeiros passos em marcha atrás. O lento avanço da vida em direção ao que se chama futuro.

Nasci no ano 2000. Tempos difíceis. Muita gente bebia, muita gente desejava o fim do mundo. Mais os homens que as mulheres, os homens bebiam mais. O muro caiu em 1991. Não, 9 de novembro de 1989, passa na televisão todos os anos. Aconteceu na Alemanha, nas duas Alemanhas ao mesmo tempo, aconteceu mais a uma Alemanha que a outra. Quando o muro caiu, houve alemães a sentirem-se alemães pela

primeira vez, depois de muito tempo. Tem a ver com a guerra, tem a ver com a paz. Os documentários de domingo passaram-me o vírus de ser alemão. Quando o muro caiu, as pessoas sabiam para que lado correr. O cheiro a banana ajudou uma das Alemanhas a desaparecer. Ficámos com uma Alemanha a menos. Banana e chocolate, o cheiro a supermercados.

Dois anos depois, talvez menos, uma revolução russa esqueceu-se de um cosmonauta soviético em órbita. Passaram meses até o homem deixar de ser soviético, e a Rússia o descer à Terra. Correu tudo bem.

*

A minha mãe assusta-se com a forma do que há de vir, a sua forma que há de vir, vive aterrorizada pelo envelhecimento. Para a minha mãe, envelhecer é ruído de relógio, um tique-taque do coração que nos castiga com as antigas lembranças do futuro. No dia em que o meu pai partiu, ela passou a usar peruca. Ridícula, ridícula, ridícula porque a minha mãe tinha o cabelo todo, todo o que precisava. Fez uma peruca com o próprio cabelo, como quem veste uma segunda pele nova, à procura de uma segunda si mesma.

*

Temos partes animalescas no cérebro. O cérebro do Benito tem o tamanho de um cigarro, é um cérebro de santo num corpo de crocodilo. Não há ali espaço para nada além do animal verde com dentes. Às vezes, olha-me como uma criança, o Benito, como uma criança órfã. Nessas alturas não sei como me defender, invento-lhe nomes novos. Francisco? Adolfo? António? Iosif? É injusto batizar duas vezes o mesmo crocodilo. Observo o Benito, da cauda à dentadura, e o crocodilo olha para mim como um velho à procura de um sacramento. O Benito parece batizado e abençoado da boca aos pés. Um dia, sentirá falta da extrema unção, não existe padre com coragem para tanto.

No supermercado, Úrsula pergunta-me porque compro flores artificiais.

— Porque são bonitas.

— É verdade, são bonitas. Mas porquê?

As flores artificiais não morrem nem mudam. As flores verdadeiras são bonitas e morrem sempre, o Benito mastigava-as assim que floriam, matava-as no melhor da floração. Fome é fome e o Benito é um crocodilo com fome. Temo que um dia mate a fome com flores artificiais. É verdade que, por ora, hesita. Mas porquê?

*

Abandonar os estudos nunca foi um problema. Não tive um único amigo genial e os professores também não entusiasmavam ninguém. Aquela minha primeira vez, o micróbio ao microscópio, a sua atitude suplicante, a sua pequena cabeça de frade a olhar de perto o seu umbigo gordo cercado pelo seu modesto invisível. Os micróbios vivem num mundo alternativo e melhor. Um mundo miúdo, escondido dos seres humanos e entretido no seu desespero.

Welt, mundo em alemão. A palavra derrete-me na boca como um gelado de baunilha, banana e soja.

Todos somos alguma coisa. Sou um inseto a agarrar-se a uma forma humana durante o sono. Nem pesadelo nem comichão. O inseto dentro de mim sussurra-me numa voz subterrânea, e eu sem palavras, as pessoas dirigem-se diretamente para o inseto acorçado no meu interior, e eu tento adivinhar uma palavra que seja antes que a conversa acabe.

A maneira mais fácil de sermos iguais aos outros é ficarmos calados. Imaginamos as pessoas caladas como iguais a nós. Há casais felizes, calados há dez anos. Pensam: somos felizes, mas o que são é calados. O sentimento é muito forte.

*

Sou masculino, um pouco tímido até, não me faltam argumentos para encantar uma mulher. Falo pouco. Se fosse um intelectual, as coisas

eram mais fáceis, mas abandonei a escola quando me começaram a ensinar marcenaria. Marcenaria e eletricidade. Por pouco não fui eletrocutado para cumprir a escolaridade obrigatória. Mas sou bom de mãos, porque é que as mulheres não gostam de mim? Sou uma hiena, tão feio que tenho de rir para gostar de mim mesmo assim. Os meus colegas também tinham medo à eletricidade, ninguém gosta de ser magoado por coisas invisíveis. Éramos pequenos, a dor era uma coisa física, passaram anos até descobrirmos os grandes sentimentos.

As mulheres. As mulheres. As mulheres. Falo no plural, o plural de mulheres é um exagero. O singular também. Tento aqui alguma clareza, quase consigo. A monogamia não me entusiasma, mas é melhor que nada. É melhor que isto.

— Monogamia? — pergunta Ivan. — Já fiz isso com muitas mulheres. — Tenta um gesto novo, aéreo. — Uma após outra, uma após outra. — O gesto de cortar pão de forma, daquele fresco que vem da fábrica cortado às fatias.

Curva no ar, com a mão.

— Amor, amor, amor, amor e amor — diz Ivan. — Não tenho.

Quando falam de amor, os homens tornam-se, ao mesmo tempo, muito pequenos e muito grandes, ou seja, precisam de compreensão.

— Vladimir, tu fodes? — pergunta-me, por fim.

Quero dizer que sim, que fodo, que faço amor todos os dias como da primeira vez. Faço silêncio. Tu fodes?, essa velha pergunta masculina, esse velho silêncio.

*

Oksana e Gregori, os dois juntos, tenho a certeza de que fizeram sexo. Porquê certeza? Trazem um ar limpo. Riem. Imagino-os a rir assim a noite inteira, cada vez mais limpos. Gregori conta-me que Oksana

gosta de lhe fazer perguntas sem roupa nenhuma e de costas para ele. Falam pouco, garante-me. Às vezes, Oksana desenha uma cruz na parede, uma das nossas, uma cruz não ocidental, só para dizer alguma coisa.

— Sabes o que Oksana e Gregori fazem na cama? — Ivan diz-me que sabe muito bem.

— Não sei, ninguém sabe.

— Coisas vulgares, coisas banais.

— Que coisas banais?

— Tudo. Pensa numa coisa banal e Oksana e Gregori fazem isso na cama.

Oksana gosta que Gregori a abrace por trás, quando está a lavar a louça. Passam horas assim. Oksana sonha com o dia em que Gregori se ofereça para lavar a louça, em vez dela. Por enquanto, Oksana lava pratos durante imenso tempo, dizem que os lava bem demais.

*

Lazslo, daquelas pessoas a quem não se deve perguntar se está vivo.

— Estás vivo?

— Ainda não sei. Preciso de mais tempo.

Coleciona ruídos. Máquinas de escrever, inundações e dilúvios. Ditadores aos gritos. Evita discursos, ditadores aos gritos na intimidade. Sexo, violência? Não sabemos. Intimidade é intimidade.

Adormeço e imagino que uma desconhecida me abre a porta. Tenho talento para imaginar desconhecidas. Um homem e uma mulher aprendem a voar, cada um com a sua asa, juntos nessa maravilhosa exatidão. As subtilezas sexuais atormentam-me e às vezes, à noite, no inverno, sinto um velho silêncio de pornografia.

Andrei garante que amou uma mulher. Traz o nome dela tatuada no braço esquerdo. É um escritor que deve muito às mulheres e que apagou

a dedicatória à primeira mulher, por exigência da segunda. Se for bem-sucedido, um dia apagará o nome da segunda e da terceira mulher e por aí adiante. Andrei não é escritor, a mulher tatuada no braço é sempre a mesma. O nome na tatuagem é o mesmo da mãe, há quem diga que Andrei é como um soldado na guerra, à procura do amor de mãe.

— Sabes, Vladimir? A minha mãe gosta muito de mim.

— É sempre assim, Andrei. A tua mãe morreu?

Talvez a tatuagem esteja ali desde que Andrei era criança. O músculo braço cresceu e a palavra mãe espalhou-se pela pele, estilizada e torta.

Isaac tem horror à morte de animais. Alguns animais, quando morrem, gritam como uma mulher, mas Lazslo, que conhece muitas mulheres, garante que as mulheres não gritam assim. Nem sempre. Já disse que o Lazslo coleciona ruídos? Na bomba de gasolina, uma voz feminina murmura do interior de uma máquina «gasóleo simples, gasóleo simples», até as pessoas pararem de abastecer. Gosto. Sinto-me masculino, metade das mulheres são mais altas que eu, não que a altura seja tudo, não é. Também coxeio.

Svetlana inventou o namorado perfeito. Não existe, é uma desvantagem. Alto, higiénico, musculado e pálido, provavelmente sul-americano. Provavelmente.

— Estás mais bonita, Svetlana. O que aconteceu?

— Não digas isso assim, mais bonita, não gosto da beleza a mudar, das coisas a acontecer.

E, no entanto, o namorado imaginário torna Svetlana uma mulher bonita.

— Não o vejo há um ano. Trocamos cartas. Queres saber o que lhe aconteceu? Cartas de amor.

Iuri fala de mulheres. É tudo inventado.

— Era capaz de dar uma parte do corpo para ficar para sempre com ela. Mas não essa parte do corpo.

— Que parte do corpo?

— Essa em que estás a pensar.

Queixa-se. Kristiina insiste em saber a sua idade.

— A Kristiina pergunta-me a idade.

— A tua idade?

— Quer saber se ainda tenho forças para lhe fazer um filho.

— Se não tens cuidado, apaixona-se — avisa Svetlana.

— Se não tenho cuidado, faço-lhe um filho.

— Diz lá, que idade tens?

Kristiina é boa pessoa. Fez planos para dedicar meia vida a cada pessoa que conhece. Descobriu que não tem vida para tanto, perde-se a paciência, mesmo com os amigos, meia vida é muito tempo. Apostámos que um dia Kristiina vai testar a amizade com as plantas.

Corre o boato de que Ivan bateu em Galina, mas é Ivan quem aparece com um olho negro e dois dedos partidos. Parece que Galina usou uma cadeira. Ninguém faz perguntas porque Ivan e Galina chegam abraçados, amigos como nunca. Galina parece a mais triste dos dois, falamos da paisagem, que nós conhecemos e sabemos não ter nada de especial. Ivan, sim, olha em volta com o olho bom, como se fosse a primeira vez. E quase chora.

*

Uma extensa paisagem de avestruzes, todas com a cabeça desaparecida na terra e o pescoço enterrado na areia. Uma paisagem de homens e mulheres, sexos enterrados na areia, alguns.

*

Isaac usa um crucifixo que lhe faz nódoas negras no peito. Bate muitas vezes no peito, de punho fechado. Crucifixo ou ícone, ninguém

sabe no que ele acredita, Isaac é um daqueles filhos da puta que as mulheres perdoam por instinto.

— As mulheres dão-me espaço para ser eu mesmo — explica. Percebo que fala de sexo. Não conheço os pormenores.

Isaac é uma versão pior de mim, se eu fizesse sexo há bastante tempo. No fundo tem medo, não é capaz de pensar na pila, se fosse rico, comprava um carro desportivo, sei do que falo. De resto, é mais alto que eu, mais elegante. Não coxeia.

*

O meu pai partiu, comecei a coxear nesse dia. A médica da escola disse que era psicossomático, foi a primeira vez que a palavra psicossomático entrou na cidade. Duas guerras mundiais, aqueles mortos todos, e a palavra psicossomático tinha ficado sempre do lado de fora, à espreita. Mudam-se os tempos, e agora o psicossomático está em toda a parte.

O meu messias: «Levanta-te e coxeia.» Eu ia coxear, claro. «Coxeia e vai onde quiseses.» Coxear é caminhar sobre a água e pesar três vezes menos, coxear é pesar o dobro na perna má. Sou um astronauta gordo. Coxear não é um defeito da perna, é um efeito do solo. No circo, as pessoas riem sempre que um palhaço coxo entra em palco. O mundo é um palco. O mundo é um circo.

Foi o que a médica disse. Coxear é psicossomático, esquecer o nome do pai é psicossomático. Ainda não fizeram o medicamento para nos lembrarmos do nome de um pai.

*

Os que viveram antes disto dizem que as nossas vozes mudaram e agora ninguém ouve ninguém. Antigamente faziam excursões organizadas à Checoslováquia e à Hungria. A minha mãe apaixonou-se pelo meu pai num autocarro para Budapeste. Foi a sua primeira vez

sentados lado a lado, foi muito bom, diz ela, não aconteceu nada. Os meus pais terão sempre Budapeste. Também foram à Checoslováquia, que já não existe porque a Checoslováquia se partiu em dois e transformou-se em dois belos países.

Aquela fotografia de um líder comunista a beijar outro líder comunista. É um beijo dos antigos, que perdeu significado, hoje não passa de um beijo entre dois homens brancos, idosos, provavelmente heterossexuais. É uma brincadeira, um poster na parede de uma barbearia. Aquele beijo é como se o comunismo não tivesse existido. Não sei se gosto.

Maxim, por exemplo, deixou de ser comunista, namora uma mulher mais nova. Desde que estão juntos ele envelhece a olhos vistos, o amor deles tornou-se uma corrida contra o tempo que Maxim vai perder. A realidade é mesmo assim, mas ele não está apaixonado pela realidade. Maxim dá a impressão de estar a partir, o amor chegou-lhe como despedida.

Os mais velhos contam sempre a mesma aventura, passada em Cuba. O ardor revolucionário, explicam. Nunca esquecerão aquela mulher, dizem que o amor não se explica. Se não tivessem deixado Cuba, ainda acreditavam no comunismo. Na verdade, acreditariam em qualquer coisa ao lado daquela mulher. Inventar o comunismo na Inglaterra e na Alemanha foi um erro, na Rússia foi um erro, o comunismo merecia ser inventado nas Caraíbas, naquele espaço entre o corpo da mulher e do homem a meio de uma dança de casal. Seria mais fácil, mais agradável, esse comunismo. Teria morrido menos gente.

Hoje, quando os velhos falam de comunismo em voz alta, na verdade estão a falar de Cuba. Os velhos têm saudade de Cuba. Quando o presente é para esquecer, o passado é inesquecível.

*

Há velhos a rabiscar o nome de ditadores nas casas de banho públicas. É segredo, toda a gente viu. Os nomes de dois ditadores, lado a

lado, vejam o velho que estes velhos são. Um dia ainda nos vão pedir ajuda para apagar os nomes da parede.

*

É fácil saber ser o outro. Aqui todos são o outro, as crianças, os velhos, as mulheres são o outro. Os aleijados. Ainda mais surpreendente, os homens são o outro. Não importa a pobreza, a idade, os segredos e as preferências sexuais, os homens são o outro, são todos iguais. Que tal, como definição de inferno? Todos outros, todos iguais.

*

O meu pai partiu quando era Natal. Nesse ano fiz de Menino Jesus pela primeira vez. Festejei o Natal como me apeteceu. Na verdade, não fiz de Menino Jesus, fiz de espírito de Natal, era um figurante, aparecia uma vez e não dizia nada. Na verdade, não fiz de espírito, fiz de ovelha, uma de duas, a mais importante. Ainda me estou a ver ali parado, sobre quatro patas, a aquecer o Menino Jesus com a minha respiração. Natal é todos os anos. Parece pouco, mas depois de décadas de materialismo as pessoas ainda se entusiasmam com a parte do espírito e da respiração. Jesus Cristo, aqui, olha-nos de frente, a sua cabeça estrelada cercada de céu e ouro. Desde menino que estou à espera de que Jesus me olhe de lado. Pela atenção, pela justiça. Pela perspectiva.

*

Partilho uma cave com um animal de estimação gigante. Há quem chame aos crocodilos animais de contemplação. Alimento o Benito com animais mortos, para que não sinta fome e para que não pense em seres humanos, nisso um crocodilo dá mais trabalho que um cão. Já considerei oferecê-lo a um santuário em África. Há tantos santuários falsos. Recebem os animais e ainda os largam na mãe natureza, à frente de um americano e de um rei que pagaram cinquenta mil euros para matar crocodilos. Fazem isto a leões e a elefantes, porque não o farão aos crocodilos?

Quando o crocodilo cresceu, saí de casa da minha mãe. Foi uma desculpa, um crocodilo adolescente acaba com uma mãe ou uma mulher adulta sem pensar duas vezes. Um crocodilo adulto, nem se fala. Aquelas mandíbulas em tesoura, aquele cigarro no cérebro, a dentadura a brilhar, em branco sujo.

Sinto uma armadilha para ursos presa ao pé, mas não sou urso. Não encontro o caminho de casa e, no entanto, ela está lá há anos, conheço-lhe os cantos, é a minha casa, não tenho outra. Desejo ter um lar, por cinco minutos que seja. Percebo que me atrasei para alimentar o crocodilo. Corro para casa. O Benito olha-me de lado, as mandíbulas prontas para qualquer coisa. Falo com ele, mas ele não fala comigo.

Adormeço.

*

Quando encontrei esta cave para viver, não acreditei. Durante três meses não acertei no buraco da fechadura, a chave tremia na fechadura, a chave tremia-me na mão. A minha cave foi construída em cima de um pântano. É como uma cidade, Washington, Brasília, mas em forma de buraco. Quando chove, a minha cave fica com água pelo pescoço.

*

A reciclagem tem uma aura de novela negra, exala uma aura de submundo. Naquele clima fabril sentimos que, a todos os momentos, uma bondade nos espreita por detrás das cortinas. Apesar da bondade, os trabalhadores parecem condenados. É tudo claro-escuros, a luz que atravessa as persianas corta em fatias as caras semi-iluminadas das trabalhadoras. O claro-escuro é um retrato da fragilidade do bem. Na realidade, não há persianas na reciclagem, apenas uma luz fraca, para poupar eletricidade. Poupar na eletricidade é um método de salvação.

São as mulheres quem mostra mais paciência no reciclar. Sabedoria delas, sem paciência é difícil falar de vocação na reciclagem. São bonitas, as mulheres da reciclagem. Oksana, por exemplo, usa meias pretas

transparentes, com uma tira negra na horizontal, acima do joelho. Gregori olha as pernas de Oksana como se o resto do mundo não existisse, o resto do mundo é toda a gente e a parte de cima da Oksana, que também é bonita. Também há homens na reciclagem. Muitos. Bruno, por exemplo, por pouco não foi rejeitado. O patrão da reciclagem soube de um «percurso de dificuldades com a lei penal», mas lá o aceitou. Bruno tem um defeito que o livrou do serviço militar, e nessa altura passou oito horas sentado na sala dos rejeitados.

Sou chamado ao gabinete do patrão. Avisa-me que o ordenado será, mais uma vez, pago com atraso. Encoraja-me a viver cada dia como se fosse o último.

— *Carpe...*?

— ...

— *Carpe...*?

Sei que tenho de responder *Diem*. Preparo-me, mais uma vez, para o ouvir falar de um filme americano muito bom, que era sobre poesia.

— *Diem* — digo, finalmente.

— Essa é a atitude: *carpe diem*.

Carpe diem significa que vou esperar algum tempo até ser pago. Eu e os outros.

— Posso adiantar-lhe trezentos, duzentos? Não gosto de falar de dinheiro — diz.

— Trezentos? — arrisco.

— Então fica duzentos. Não gosto nada de falar de dinheiro.

Não é um adiantamento, aquele dinheiro é meu.

— Vladimir, você tem dificuldade em colocar-se no lugar dos outros — avisa-me. — Talvez por isso não me entenda, por eu ser bem-sucedido.

— Rico — murmuro.

— Não é rico, é bem-sucedido. Deixe essa obsessão pelo dinheiro.

As pessoas mais ricas do mundo não pensam em dinheiro. Diga-me lá, você pensa em dinheiro?

— Às vezes — respondo.

— Está a ver?

Este capitalismo verde é horroroso. O patrão não só não nos paga como nos fala de poesia e de terapia pela alma dos ricos. É de graça, mas não deixa de ser terapia. O inferno são os ricos. Diz que todos deixamos a nossa marca, que todos somos lixo. O corpo apodrece e a alma separada do corpo transforma-se em lixo. A alma não sobe aos céus, é lixo. Não consigo ouvir falar em alma e em lixo sem perguntar: lixo reciclado? Sou um otimista.

— O meu sonho é salvar o planeta.

— Planeta? — pergunto.

— Salvar o planeta à mão.

— À mão?

— Em frente a uma câmara de televisão, num programa sobre o futuro.

O ego devia ser como respirar, inchado a cada dois segundos. Quem precisa de terapias quando tem uma respiração a que se agarrar? Um hálito quente no ouvido. Interrompo a minha respiração e desço pelo elevador em apneia. Bonita palavra, apneia, no mínimo grega, de tão bonita. Do primeiro andar ao rés do chão, suspiro ao ritmo do meu esqueleto. Mais do que não respirar, apneia podia ser nome de cirurgia, filosofia, alguma coisa que aconteceu ao ar livre e nos mudou para sempre. A meio da descida, adoto a pose de um mergulhador francês, indeciso entre afundar-se na água parada ou voltar à superfície e exigir um aumento.

*

Vera lembra-nos que o capitalismo morreu ou que está moribundo. É a nossa negacionista. Não acreditamos no que diz, mas é nossa amiga e gostamos dela assim.

Aprendo alemão à distância, pelo computador, como numa pandemia. A sensação de confinamento aumenta o meu entusiasmo pela língua alemã. Tento encontrar a palavra certa na minha língua e descobrir a palavra exata em alemão que lhe corresponde. Não a encontro. As palavras exatas em alemão não precisam de mim. Insisto, anseio por uma certa sensação que só há nas palavras alemãs. Um escritor disse que há quem se perca na língua alemã como um pobre diabo. É o que eu mais quero, emigrar para a língua alemã, como um pobre diabo, e deixar de ser pobre.

A esta hora, o meu pai pode muito bem estar na Alemanha, por questões de salário. Aprendo substantivos alemães para sublinhar pensamentos íntimos. *Geist. Ende.* Curtos e sonoros, Espírito e Fim, eis dois belos substantivos alemães. Talvez o meu pai não esteja na Alemanha, talvez a Alemanha esteja vazia à minha espera. Afasto-me de dois países ao mesmo tempo, o meu país país, que se desmorona, e o meu pai país, que não sei onde está e que não conheço.

O Benito gosta de fruta fresca. Os ananases, engole-os inteiros, carcaça, caroço, folhagem. Temos ideias diferentes sobre o que é um ananás, para o Benito um ananás é uma banana descascada. Quando não tenho dinheiro, alimento o crocodilo com cartão não reciclado. Os crocodilos não são tartarugas. Se todos alimentassem crocodilos na cozinha, não seriam precisas tantas fábricas de reciclagem. O mundo seria salvo entre quatro paredes, no chão das nossas próprias casas.

Podia adotar um cão para atrair uma companheira. Eu gosto é de gatos, gosto ainda mais de crocodilos. Os crocodilos e os gatos são espécies de companhia, os cães uma espécie companheira. Faz toda a diferença. Quando estou triste, penso nas tartarugas marinhas. Na praia. Nas bebidas de verão, nas palhinhas de plástico.

Não é verdade, não penso assim tanto nas tartarugas.

O meu vizinho de cima detesta gatos. Chama-lhes populistas, dá-lhes pontapés. Quando a televisão se queixa do populismo, o meu vizinho lembra-se de bater no gato. Da minha sala, ouço o grito do gato populista. Gosto de gatos, não tanto como de crocodilos. Não gosto de populistas, mas podia viver bem com gatos populistas. Prefiro um gato populista a um crocodilo populista, os crocodilos populistas não hesitavam em aplicar a pena de morte uns aos outros. Uma das vantagens dos crocodilos é o ruído. Quando se aproxima, no escuro, o Benito faz menos barulho do que uma criança.

*

Não vos disse tudo sobre a minha mãe.

É mais fácil cuidar da minha mãe do que do crocodilo, apesar dos perigos. O maior perigo é esquecer, que a minha mãe esqueça o nome do meu pai e me deixe órfão de pai para sempre. A minha mãe, ela tem a atitude de uma boneca russa, é toda escondida. Tem calma à flor da pele, mas do que eu gosto mais são as explosões dentro dela, nomes a voar em todas as direções e só um é o meu pai. Agarro um nome, por milagre. Digo-o em voz alta. Está incompleto, falta uma letra ou duas que podem ser o fim, o princípio, podem ser o meio do nome do meu pai.

À minha mãe dói-lhe ver e ser vista. Não é bonito.

No princípio, quando estava triste, punha-se a lavar tudo, o sujo e o limpo. Era lavar ou chorar, a minha mãe preferia chorar. Eu preferia que ela lavasse, às vezes ela fazia-me a vontade e não chorava.

*

Chorar não ajuda. Voar não ajuda.

*

A reciclagem é um emprego e, por aqui, um emprego é um emprego.

Os empregos para os pobres incluem limpar, lavar, e cuidar das crianças. Se o mundo não se sujasse, os pobres perdiam o emprego. Há umas pessoas, poucas, que importam, e depois uma multidão de pássaros, que não interessa a ninguém. Os que importam e depois pássaros. Voar não ajuda.

— Já pensaste na vida perpétua? — pergunta-me Vera.

— Não é vida perpétua, é prisão. A vida é eterna, a prisão perpétua.

Reciclar rima com ressuscitar. Foi a nós, pobres trabalhadores, a quem confiaram a ressurreição do mundo. Não é pouco, não é uma religião. Papel, vidro, plástico e metal entram misturados e depois os ímanes gigantes separam o plástico do metal. No princípio pensava que íman era um homem religioso, mas não é imã, é íman.

Sinto algum afeto pelo plástico. A sua dureza, imobilidade, a sua transparência suja, a sua transformação pelo calor. Pelo papel e pelo metal não sinto a mesma coisa. E o vidro, então, é uma versão aristocrática do plástico, um material cortante que cuida de si mesmo. Imagino os milhões de anos que um pedaço de vidro passa sozinho, no fundo do mar, e é difícil não sentir nojo, medo, e, por fim, compaixão.

Pessoas a trabalhar nestas condições lembram-me borboletas aprisionadas, voam baixinho com um alfinete espetado no coração. Ou seja: dói. Ou seja: voam baixinho. Ou seja: não estão mortas, as borboletas. Um dia, uma trabalhadora da reciclagem fechou-se em casa e abriu o gás. Tentava suicidar-se como uma poeta. Ninguém morreu. No fim, os horários são flexíveis, há pessoas que gostam de reciclar às três da manhã, essas são as mais felizes, já se esqueceram da luz. A essa hora, são vigiadas por máquinas de filmar, não há humanos por perto, os humanos são os piores patrões.

Há quem veja a reciclagem como o capitalismo bom, mas o horário prolongado, os salários baixos e a quantidade de trabalhadores precários faz desaparecer até essa última luz boa que ilumina a vida do capital.

— O futuro está na reciclagem.

Outra vez? O patrão fala do futuro como um evangelista norte-americano, aquela mesma calma do campo e da prosperidade. É ele o ungido, o sujo, o verdadeiro, o transformado, o que domestica o rugido do mundo. Ergue a mão no ar e ordena: Reciclem! Ouvem-se coros, risos, as coisas mudam e melhoram e os objetos voltam à vida, desta vez limpos do mal do mundo.

*

Imitamos cenas de filmes americanos em câmara lenta. Com menos sexo, bem entendido, e menos automóveis. Um dia projetaram a imagem gigante de uma mulher contra a parede nua da igreja. O John Wayne, nunca o compreendi. O porte é masculino e gigante, o andar tem a beleza de uma menina bailarina. Foi a Vera quem me chamou a atenção.

— Repara quando ele desce do cavalo, repara só.

Penso em John Wayne no céu, sentado à direita de um desconhecido. Desmontou do cavalo, não larga a mão da pistola, por precaução. Afinal ainda está a cavalo, vagueia pelas planícies do céu ao pôr do Sol naquele caminhar manco de bailarina gigante. Cavalos, carros, pistolas negras, táxis à noite, há tanta coisa masculina no cinema. Aprender a ser homem no cinema é fácil, especialmente nos filmes antigos, os chamados clássicos.

Nos países ricos há homens ricos a responder à pergunta: «Então, não achas que eu já mereço um Ferrari?» Pergunto a mim mesmo, ao espelho: «Então, não achas que já mereces um Ferrari?» Quando tiver um automóvel, vou falar com ele. E não vai ser só dizer olá.

*

A reciclagem nunca esteve tão bem, funciona por ciclos. Instalações frias, horários impossíveis, trabalhamos oito horas na semi-escuridão, iluminados de cima por luzes de brincar. À noite, há câmaras por todo o lado, castigos. Vigiar e punir, vigiar e punir. Acabamos cansados das mãos e dos olhos. Um dia, a Úrsula disse que estava muito cansada e que

precisava de morrer. Falei-lhe da imortalidade.

— Com horários destes, como é que tens tempo para pensar na imortalidade?

Está para chegar o momento em que pagaremos a países mais pobres que nós para salvar o mundo. Por agora, fazemo-lo com as nossas mãos, para benefício do bem comum e da indústria. Quanto às mãos, são as nossas. A empresa oferece luvas novas todas as semanas. Se as crianças do primeiro mundo soubessem o que se passa com a reciclagem, deixavam de pensar no planeta B. Nós somos o planeta B, somos pagos para isso, dinheiro vivo. Em troca, memorizamos etiquetas de reciclagem da Alemanha e do Reino Unido, da Escandinávia. Eles pagam-nos, e nós aprendemos línguas estrangeiras enquanto tiramos a maldade do mundo.

O sonho do patrão da reciclagem é não ter filhos, para os poupar aos desastres do futuro. Nem filhos, nem netos, nem bisnetos, a poupança não pára, se depender dele, a sua linhagem acaba aqui, melhora a vida na Terra.

— Já pensaram em reciclar, em não ter filhos? — pergunta.

Claro que pensaram, quando as pessoas fazem amor não pensam noutra coisa: não ter filhos. E também antes de fazer amor, e às vezes depois, mas essa é outra história. Os amantes precavidos ajudam o planeta sem dar por isso. Se depender deles, o planeta Terra será o planeta do amor sem filhos, uma festa de sexo, coisa linda de ver até o mundo acabar, se acabar.

*

A minha mãe lê e relê o *Livro do Apocalipse*. Outra vez o fim do mundo. O apocalipse já teve mais encanto. A reciclagem é uma luta contra o apocalipse. Lutamos à mão, mas lutamos. Não é o melhor fim do mundo, mas é o nosso fim do mundo, conta é a intenção.

— Antigamente havia aqui um milagre chamado mães — diz Oksana, pensativa. — Já não há milagres como antigamente.

*

Klara vive por cima de mim, noutra apartamento, bem entendido, há um teto e um chão entre nós dois. Do apartamento de Klara vê-se o céu e o rio ao fundo, do andar acima vê-se bem o supermercado. Gosto da Klara. Não é amor, penso muito nisso. Além da Klara, a outra pessoa que vive no terceiro andar perdeu a guarda do filho depois de se divorciar. Uma socióloga testemunhou contra o pobre homem, por causa da limpeza do apartamento. Desde que está proibido de ver o filho, a sujidade aumentou. A única esperança de voltar a ver o filho é gastar tudo numa empregada doméstica. E depois há o vizinho do sótão, o do gato populista, o que o senhorio quer despejar. Arrancou o corrimão das escadas para o velho tropeçar, às escuras. Já tentou de tudo, o senhorio: selou o sótão por dentro, com o meu vizinho do lado de fora; selou o sótão por fora, com o meu vizinho do lado de dentro. O velho é rijo, diz que não sai. Pobre do gato.

*

Estão dois matulões sentados no sofá da sala, a dizer-me para eu ter calma. A dizer-me para eu fazer o que ainda não foi feito. É uma ameaça, o senhorio também se quer livrar de mim. Dou por mim a pensar no crocodilo, que está lá dentro com fome. Devem ter sido estes que arrancaram o corrimão das escadas para o sótão clandestino. A mim não me intimidam com um corrimão, vivo na cave, não preciso de ajuda para subir ou descer as escadas, para mim, chegar a casa é sempre a descer. O senhorio chama-lhe subcave, deve querer mais dinheiro pela renda. Penso no crocodilo e alguma coisa no meu olhar, no meu silêncio assusta os homens que se entreolham com os olhos espantados de pequeninos. Agarram-se aos braços do sofá, como quem espera a investida de um rinoceronte, mas aqui não há rinocerontes, há um crocodilo com fome. O plano é renovar a cave e fazer uma garagem para turistas. Batizá-la outra vez, de subcave passa a rés do chão baixo, depois

publicam anúncios com umas fotos obscenas, uma luz artificial a imitar a luz da janela pequena no teto. Para me expulsar, o senhorio é capaz de deixar o apartamento envelhecer, vai encomendar danças da chuva para a cave ficar insuportável como habitação humana. Da terceira vez que me cortou a luz, deixei de acreditar na bondade dos homens. Por essa altura, já tinha sobrevivido a dois cortes de água, e toda a gente sabe que a água é mais importante que a eletricidade.

Enfim, não vos digo o que aconteceu. O crocodilo entrou na sala e não parecia nada um rinoceronte. Os homens desapareceram dali para fora. Suspeito que mantenho o apartamento por mais algum tempo. Ninguém vai acreditar neles.

Os crocodilos não suam. Refrescam-se de boca aberta. À espera, por exemplo. De boca aberta. Tenho vontade de conhecer um rinoceronte ou de ler um livro, talvez ficção científica.

Nessa noite a água caiu sem parar, neve líquida, e o meu apartamento encheu-se de água, dois dedos acima do chão, que subiu, duas mãos de água escorreram do teto. Estou no porão da arca de Noé. O navio encalhou, estou só e procuro o meu par. Desconfio de todos os animais marinhos. O Benito está contente, gosta de água e gosta de solidão. Gosta mais de solidão do que eu, isso assusta-me. Decido não falar nem me mexer. No dia seguinte a cave cheira a água, a frio e a neve. O odor sólido do inverno endurece-me a bainha das calças.

*

A televisão ligada imita um aquário. A luz verde-azulada do programa de domingo acalma o crocodilo, que se prepara para coisas novas. As filas de velhos na assistência, os prémios ao telefone, o automóvel no fim, às vezes. Os números, todas aquelas luzes. Se desligar a televisão e esquecer as notícias, talvez comece a acreditar em alguma coisa. O meu pai abandonou-me. O meu crocodilo, estou certo, nunca me abandonará. Se o Benito tem segredos para mim? Os animais escondem os seus segredos dos outros animais.

Mãe, sonho que estás completamente feliz e completamente nua na cozinha. O pai voltou, está ao teu lado a contar dinheiro. Dinheiro não, está a contar moedas com as mãos suadas, é por isso que não te abraça. Eu espreito de longe a cara das moedas à procura da cara do pai porque, afinal, o meu pai não está. Quase choro. Cedo à tentação de tentar desenterrar a cara do meu pai debaixo da cara de um rei.

Também sonho. O meu pai está comigo e está a morrer. Gosto do sonho, a parte em que o pai está comigo. Sonho com a morte e ouço-me a gritar «pai! pai! pai!», sem precisar de gritar porque ele ainda está comigo. Gosto disso. Não gosto da morte, mas gosto de não gritar. Digo um pai-nosso e paro no princípio, a repetir «pai nosso, pai nosso, pai nosso». Ganho coragem e acrescento «que estais no céu», mas não acredito.

As palavras que se seguem não são minhas, são da minha mãe, eu apenas as ouvi. Cataclismo, hecatombe, catástrofe, calamidade, revelação, catástrofe, outra vez, acidente, desastre, destruição, devastação, desgraça, calamidade, tragédia, horror, ruína, falência, sinistro, aniquilação. Hecatombe, calamidade, armagedão. Iluminação, epifania, lampejo, inspiração, sopro, centelha, intuição, visão, percepção. Apocalipse.

— Quando chegar o fim do mundo vais fazer o quê? Vais chamar o teu pai?

O fim do mundo? Que chegue a horas e que eu tenha saúde e dinheiro para assistir a tudo na primeira fila. Pensem no que as pessoas pensam fazer no fim do mundo: o apocalipse é afrodisíaco, alguns querem abraçar a mulher e os filhos, alguns mentem, outros não têm mulher, pensam noutra pessoa. Dizem que o fim do mundo é uma utopia. Significa que não vai acontecer. Não gosto.

Uma das minhas melhores características? Não morrer. Preocupa-me não ser imortal, mas é bom não morrer, por enquanto. As pessoas esquecem-se disso, mas eu estou atento. Se me perguntarem qual a melhor coisa que me aconteceu, eu respondo: não morri. A imortalidade é uma rotina, uma questão de exercício. Rir é o melhor remédio, mas é melhor prevenir do que remediar. Choro muito. Acho que choro. Uma pergunta: quem está preparado para ouvir crianças a chorar, a dizer que não querem morrer?

*

Olga? Casou mal e ficou viúva. Duas tragédias, parece. Viúva, é como se Olga tivesse a nossa idade, aqui todos perdemos alguma coisa. Alimenta dezenas de gatos com os restos da reciclagem. Matéria orgânica, diz. Um dia os gatos serão centenas, é contar pelos dedos. Desaparecem-lhe animais todos os dias.

Milan fala pouco e ninguém gosta dele, é uma boa pessoa para ter por perto. Ninguém escreveria um livro sobre Milan, ninguém ia ler. Não é deplorável, Milan, é meio deplorável. Pim. Se Milan vivesse no tempo da escravatura, era um pobre na praia, de chicote na mão, a trair a sua raça e a vender metade da família a desconhecidos. Ia ser humano, um dos piores.

Um dia, Milan disse uma coisa.

— Aquela mulher é nossa.

Não gostei. Não gostei do jeito coletivista, não gostei da ideia de propriedade, porque a propriedade é um roubo. Milan anda com uma mulher mais velha que ninguém conhece. Por aqui há muitas mulheres velhas, homens também. A terceira idade passa o tempo a dizer que fez mais sexo do que nós fazemos. Era a época da esperança no futuro.

O mais velho daqui chama-se Maxim. Tem tufos de pelos a saírem-lhe das orelhas, árvores na horizontal. Diz que ouve bem, como um lobo. Lembra-se de tudo o que aconteceu no século XX, e exatamente. Por

aqui, isso é maldição. Fala pouco. Ouvimo-lo com atenção, especialmente os silêncios. Vira-nos as costas e afasta-se sem uma palavra.

— Tem saudades do comunismo, dedica-se a coisas espirituais. Acupuntura, aquela coisa com agulhas.

— Jardinagem.

— Autoajuda, sessões ao fim de semana, entre os vizinhos. Trocar compotas de fruta no vão das escadas.

Nunca se desabituou das coisas do espírito. Quando está bêbado, dá abraços de amor. Abre e fecha os braços, dá abraços contra si mesmo.

— Sou um monumento vivo. Ajudem-me.

Ainda mantém os braços abertos por um minuto e depois não, não é um monumento vivo, é um crucificado. Apesar disso, gostamos dele.

*

Olho os meus amigos, aninhados no interior do café. Todos têm aspeto de ter cometido um crime, o silêncio é incrível, estão à espera de que o primeiro confesse. O Diabo doou esperma a desconhecidos, estes são os seus filhos.

*

Três metros e quatrocentos e cinquenta quilos, os crocodilos são enormes. Coloquem um jacaré num aquário pequeno. Fica pequeno para sempre. Acontece aos peixes, não aos crocodilos nem aos jacarés. Peixinhos-vermelhos, num aquário, a tentarem ser maiores, até morrer. Os jacarés são diferentes dos crocodilos, os crocodilos começam com vinte centímetros e depois é sempre a crescer. São criaturas magníficas, a novidade daqueles dentes! O que acontece aos crocodilos em Nova Iorque? É um mito, não há crocodilos em Nova Iorque, os crocodilos são mais rápidos que os humanos, há lagartos que afinal são crocodilos. Abrem a boca, podem estar só cansados, podem estar com fome.

O Benito fica esfomeado às 3 da manhã, levanto-me e dou-lhe de comer. Não olho o Benito nos olhos, não grito com ele. Os crocodilos gostam de rotinas, há uma rotina para a alimentação e outra para a lavagem, não é aconselhável confundir as rotinas. Crescem vinte centímetros por ano e têm cem milhões de anos de evolução atrás deles. Cem ou mais, mas milhões. São ferozes, silenciosos. O lugar preferido do Benito é a banheira. Mergulha, não desaparece completamente debaixo de água. Gosta de se secar no chão de azulejos. Comprei-lhe uma lâmpada que imita as estações do ano. Inverno são oito horas de luz, verão 14, outono 10. Alimento-o sempre a horas fixas, os crocodilos gostam da rotina de comer.

*

Oksana aparece grávida. As outras mulheres calam-se e põem a mão na boca, os homens olham-lhe a barriga como uma nova parte do corpo, um órgão feito da pele de futuro. Não há maior inocência do que um homem a olhar uma grávida. Olhar de espanto, olhar de filho.

— Homens, não fiquem a olhar como se fossem dar à luz. — Úrsula ergue o dedo ao ar, ereto como um osso principal. — Sejam homens, digam qualquer coisa.

Alissa e Joanna chegam de mãos dadas, não sei quantas vezes lhes vimos as mãos assim. Não há corpos maus. Elias e Ivo também, não dão as mãos, mas compreendemos. Homens ou mulheres, não há corpos maus.

*

Gregori e Oksana anunciam que vão fazer um aborto. Não sabia que a relação deles era tão séria. Pode ter sido um acidente.

— Vamos acabar com isto — dizem.

Pedem para eu ir com eles. Sim. Oksana está abatida, Gregori está inconsolável, diz-me que não é nada com ele mas é, claro que é. Vê-se na

cara dele que é com ele.

— Temos uma morada. — Desembrulham um papel rasgado e leem um número. — É num centro comercial.

Leem dois números, o número da porta e o preço. Não sabia que se podia acabar com uma gravidez num centro comercial. Às escondidas. Alguma coisa que ficou dos tempos de espírito coletivo obrigatório.

*

Maxim pratica uma respiração especial, sem dor. As pessoas como ele sofrem imenso por já não estarmos no século xx. Suspeita-se de que pratica bruxaria em capelas, cemitérios e no meio do mar, de madrugada. Não sei se acredito, aqui não temos mar. Mas temos madrugada, ainda temos.

A Iuri chamam *O Gordo*. É obvio porquê, Iuri é demasiado magro. Gosta de imitar Elvis na sua fase gorda, percebemos pela roupa branca, pelas pulseiras e pelas lantejoulas. Faz coleção de filmes com celebridades gordas. Há uma fase na vida em que os atores e as atrizes envelhecem. Engordam. Alguns passam a fazer filmes às escondidas. Iuri encontra esses filmes e convida-nos para assistirmos aos filmes dos gordos.

*

Tentei beijar Svetlana, não tenho a certeza, ela não gostou, tenho a certeza. Não sei se na boca, era como se eu não estivesse ali. Por essa altura a minha ideia de Alemanha já estava em toda a parte e deixava-me um sabor mau na língua. Fechei os olhos, por um instante. Abri os olhos, por um instante. Passaram vários instantes, não houve beijo. Svetlana despediu-se com um aperto de mão e o som da caricatura de um beijo. Toda a sexualidade possível me desapareceu, toda a pele. No dia seguinte, Svetlana confessou que tinha um problema com o corpo. Uma desculpa, claro, quem não tem problemas com o corpo? Eu, por exemplo, preferia ser estrangeiro a ser gordo. Se fosse gordo fazia dieta

ou emigrava. Dois dias depois, Svetlana diz-me que gosta de sentir eletricidade com gajos. Para mim, seria uma grande responsabilidade, a eletricidade. Estou onde sempre estive: quanto a sexo, a maioria das mulheres prefere não o fazer comigo. É o que eu sinto.

Descubro o pronome neutro em alemão. Penso: «é o que eu sou: neutro». A minha autodefinição sexual? Prefiro não o fazer, o sexo é com os outros, não connosco mesmos. O sexo dá-me vontades, o sexo dá-me saudades, é um corpo maravilhoso que não conheço. Os fins de semana são o pior, todas as segundas-feiras me preocupo com o amor. O meu sexo é noturno, é sonâmbulo, faz coisas no escuro, fala alto no sono, fala alto no sonho. Procuro um artigo sobre educação sexual e não o encontro, nem sequer debaixo da cama, ao pé das revistas. Era um bom artigo, sobre educação sexual nas escolas, acho, o seu papel no desenvolvimento dos alunos, acho.

*

Ver a vida parada à nossa frente, e não morrer.

Histórias de família. Bisavó: a vida não era fácil em 1942, nem em 1946. Avó: a vida não era fácil em 1968. Mãe: a vida não foi fácil em 1995 nem em 2001. Apesar disso, eu nasci. Ouço isto desde criança. A vida foi sempre difícil, as datas são aproximadas.

— Passaram por aqui duas guerras mundiais — lembra a minha mãe.

— Ninguém diria — digo. Brinco com o fogo.

Os homens nunca viajaram tanto como na guerra. Trouxeram coisas de Berlim, coisas que estão na casa de banho e coisas que estão na cozinha, servem para fazer café. Os militares dos países derrotados espalharam-se por toda a Europa, a ensinar como se faz caramelos para a tosse. Motorizadas para os pobres. Alguns desapareceram para sempre ou para a América Latina. O pós-guerra começa com os caramelos para a tosse.

Passou-se com o meu avô ou bisavô, as pessoas tinham medo de ser levadas. As guerras são coisa de bisavôs. Por enquanto. Pode piorar.

*

O sol é uma miragem. Queríamos ser um daqueles países que os estrangeiros só querem pelo sol. Não temos sol, não temos praias. A comida é mais ou menos. Quando ouço um pobre do terceiro mundo a falar das «nossas praias», tenho vontade de lhe bater. A palavra terceiro mundo não vai embora? Os jornalistas com três dedinhos no ar, a ensinar às pessoas o que é o terceiro mundo. Nenhum dos meus antepassados teve uma relação com o terceiro mundo, a não ser um tio-avô, o melhor de todos, que foi comido por canibais. Nunca fomos colonialistas, nunca tentámos, a geografia condenou-nos à maldade intraeuropeia, foi muito mau. Na verdade, o meu tio foi comido por um jacaré. Inventaram canibais para embelezar a história. De resto, viajámos pouco. A história do jacaré pode ter acontecido na Florida, quando a Florida ainda era um pântano.

*

Vejo uma mulher e imagino-a na televisão, a imagem da mulher na televisão sobrepõe-se à mulher na realidade. Não é mais bonita nem mais feia, a imagem, sobrepõe-se. Tudo o que aprendi sobre o amor, aprendi na televisão. Até hoje. A televisão desligada e, mesmo assim eu aprendo, sinto que aprendo.

Não sou radical nem à noite. Tem tudo a ver com viver sozinho.

Descubro-me dentro de um filme. Quem sou eu? Não sou *cowboy* nem índio. Não sou um homem, sou o quê? A pistola? O gatilho? Não sou o cavalo. A vida é cinema, isso percebe-se muito bem nos filmes mudos. Gosto mais de atrizes emancipadas do que de mulheres emancipadas. Sou homem para assistir a uma boa dança do ventre, nisso sou crocodilo. O multiculturalismo no feminino, a música oriental. Não vejo pornografia, é um facto que me preocupa, tento não pensar nisso.

A única coisa que um voyeurista faz bem é olhar.

A masculinidade é uma mina cinzenta e suja, oca por dentro sozinha por fora. Os anúncios na televisão melhoram-me a masculinidade. Sou um surfista de barba feita, a furar uma onda como se fossem os caracóis no cabelo de uma mulher. Cheira a especiarias velhas. *Old Spice*. Filmes que nos ensinam a ser homens. Nem atleta, nem filósofo, homem de uma maneira holística, como Platão gostava. Uma lista. *O Gladiador*. O homem aqui chama-se Maximus, é um bom começo, é um arquétipo. General, camponês, gladiador. Corajoso, capaz, humilde e leal. Nenhuma queixa perante a tragédia. É um arquétipo. *O Padrinho*, não exatamente um homem honesto. Complexo, mas desonesto. A família unida, especialmente às refeições, a importância de comer e beber. *Paris, Texas*. O que não fazer, como homem. Perder o amor da nossa vida, sofrer um desgosto e pensar que se vai morrer disso. Fugir da cidade, visitar o deserto, Paris, Texas. *Boyz 'n the Hood*. Um pai disciplinador. O amor de pai: único, insubstituível. Violência. Interações com o feminino. *Koyaanisqatsi*. Significa uma vida a precisar de equilíbrio, na língua hopi. Paisagens naturais, arranha-céus, uma onda em câmara lenta. Outra vez especiarias? Música instrumental. O desenvolvimento da humanidade. *Koyaanisqatsi*. Mais filmes sobre masculinidade? *Os Quatrocentos Golpes*, *O Senhor das Moscas* e *O Império do Sol*. Para memória futura.

*

Hoje abracei a minha mãe e ela passou o resto do dia a dizer «isto não é normal, isto não é normal».

*

Três dias depois, partimos os três para a interrupção voluntária da gravidez. Gregori e Oksana ficam em silêncio a viagem inteira, como se a decisão fosse minha. Entrámos no centro comercial e perdemo-nos imediatamente. As lojas, o frio, os brilhos. Gregori não tem olhos de inteligente, se há parte inteligente em Gregori, ele esconde-a nas calças,

não me cabe a mim referi-la. Antes de o conhecer, tinha a certeza de que matara alguém a sangue-frio. Hoje conheço-o melhor, já não tenho a certeza. E agora isto: Gregori de mão dada com Oksana, no centro comercial, a caminho de interromper uma gravidez. Velhos sentados em cadeirões de massagem automática e um padre sentado num banco de campismo, diante de uma tenda aberta, para duas pessoas. Um trem de cozinha e alguns enlatados. Percebo que o padre está ali para receber a confissão dos consumidores. Sobretudo das mulheres, as consumidoras. Oksana decide confessar-se e no fim o padre beija-lhe a barriga, é um beijo de político, e Oksana sorri, abençoada e mãe. O momento é significativo para Oksana e para Gregori, até para mim, mas é especialmente significativo para o bebé dentro da barriga de Oksana.

Gregori compra um anel de noivado e pede Oksana em casamento. Abraçam-se como bons amigos, mas não são bons amigos, são outra coisa. Oksana tapa a cara com as duas mãos, tão emocionada como se usasse luvas. Saímos do centro comercial tal como tínhamos entrado, três adultos e uma criança dentro da barriga da mãe.

*

Uma luzinha entra pela claraboia. Suspeito de um sol extraordinário do lado de fora. Não saio, para continuar em dúvida. O crocodilo aquece a barriga mole no calor no cimento, a pose de um velho forçado à experiência das trincheiras. No dia seguinte, o gato do vizinho desapareceu. Também se aquecia no cimento, ao lado do crocodilo, e Benito gostava do gato. Olhava-o, sem se mexer, como um avô a imaginar o fim de uma grande guerra.

Alguns crocodilos com quatro mil dentes diferentes na vida. Cada dente é substituído umas cinquenta vezes. A sua dentada é a mais poderosa do reino animal, cinquenta vezes mais forte que a dentada humana. Pensem nos dentes das crianças, como magoam os pais. Um crocodilo é pior que uma criança, mas quando fecha a boca basta sentarmo-nos em cima dela e nunca mais a abre.

Podia ter um filho. Ter de decidir entre o filho e o crocodilo. Fazer

um filho depressa, por magia, antes de encontrar uma companhia para a vida. O crocodilo, oferecia-o a uma loja de animais em segunda mão para alguém o adotar e assim combater o consumismo. Era preciso mantê-lo afastado dos gatos e dos cães e dos periquitos. E dos furões.

*

O meu projeto de me afastar dos outros não vai de vento em popa. Sinto-me cercado de gente, é psicológico. Penso humano e penso mulheres, penso mulheres e penso corpo de mulher. Sonho com mulheres, melhor assim, gosto de mulheres à minha volta. Em pequenino, sonhava com voos, abismos e dinossauros. Queria ser astronauta. Quem gosta de voar é o Lev. Tem uma águia tatuada no peito e quer ser pescador. Nunca viu o mar, tem de começar por algum lado. Às vezes é violento, Lev, a sua águia tem as asas abertas como os braços de um avião selvagem. Penas ao vento.

— Estás a abraçar toda a gente. Estás mais amigo das pessoas?

— Não. Penas ao vento, penas ao vento — responde Lev.

Às vezes é violento. Voar não ajuda.

*

A minha mãe já teve a doença do altruísmo. Só conseguia pensar em si diante de um espelho. Imaginava-se de costas, perguntava se eu a achava feia, lembro-me bem da pergunta.

— Achas-me feia?

No passado, foi muito bonita. É verdade, há fotografias. Quero ajoelhar-me e prestar homenagem à beleza da minha mãe no passado. Na nossa casa, o passado e o futuro são tão iguais que não lhes vemos a cara quando dançam. Nunca aconteceu, o futuro. Ficámos nisto: nada de futuro. Diagnosticaram a minha mãe com a doença do esquecimento. Chamo-lhe doença do esquecimento, mas é pior, é uma doença com nome alemão.

O ritual de leitura. A minha mãe pronuncia o nome do meu pai, os lábios mexem, mas não produzem som. Como quem murmura a lei da vida até esquecer as palavras originais. Não ouço nada, não faço perguntas. Tento ler-lhe os lábios. Pode ser uma fábula ou o nome de um pai. Uma menina atravessou uma floresta até que um lobo... É para te ouvir melhor, disse o lobo. Receio que um dia a minha mãe esqueça o nome do meu pai, ela é boa a esquecer tudo sobre o meu pai. O grande irmão do esquecimento é o esquecimento. Nos subúrbios, circulam diferentes versões do nome do meu pai. Nomes de ditadores. Centro-europeus, sul-americanos. Déspotas da Ásia antiga.

— O teu pai foi à Lua e não voltou.

— Não quis voltar.

— Dizem que não está sozinho, lá na Lua.

— Que há lá outros... astronautas.

Emigrar. Viver num lugar sem peso. Ir à Lua.

— O teu pai morreu na guerra.

— O teu pai emigrou para o estrangeiro.

— O teu pai desapareceu num poço, nadou até à Antártida.

Não é verdade. A guerra, a Antártida e o estrangeiro não são verdade. Já ninguém acredita nos americanos como da primeira vez, aquela imagem da Terra vista da Lua. Azul, para não esquecermos como a Terra é bonita. Vera dedica-se a provar que os americanos nunca foram à Lua, que foi tudo uma conspiração do cinema e da indústria de automóveis. A ida à Lua foi uma invenção do *star system*. Há provas irrefutáveis. A ida ou não ida à Lua aconteceu há muito tempo. Vera não perde uma oportunidade de dizer *star system*. Numa tarde, contei cinquenta e sete vezes *star system*, e nem falámos muito naquela hora e meia.

— Pensa nos discos voadores, na ida à Lua. É tudo sexual — avisa-me. — A ida à Lua, especialmente a não ida à Lua, é sexual.

E os alemães, já foram à Lua? E voltaram? Gosto de imaginar que sim, que foram e voltaram. Sonho em alemão, frases curtas, palavras

compostas, luminosas. Sonhar em alemão às vezes acaba mal, mas eu adormeço preparado para as consequências.

*

Devia emagrecer. Imitar um crucificado adormecido à espera da ressurreição. Imagino o meu corpo duzentos anos depois da ressurreição. Levita, ressuscitado como um balão turístico a passear ar quente por cima dos campos.

Pergunto-me se serei viril de costas. Suficientemente viril.

*

As pessoas estão desesperadas, a sua esperança é de que um ator americano venha fazer pouco de nós e isso apareça na televisão da América. América do Norte, naturalmente. Uma celebridade que troce de nós chamaria a atenção para a nossa realidade, o que atrairia turistas. Por isso alguns idosos vestem-se à antiga, se correr bem vão ser ridicularizados no estrangeiro.

— Quem é aquele, vestido de George Washington? É tal qual o Washington verdadeiro, mas sem os escravos.

— É mesmo.

Diz-se que o Washington verdadeiro libertou os escravos na hora da sua morte.

*

Estive desempregado nove meses, a minha esperança era que a Segurança Social me diagnosticasse hiperatividade. Seria carta-branca para tomar sedativos. Não aconteceu, a Segurança Social é insensível à hiperatividade. Nessa altura, o senhorio ameaçou-me com a violência do Pentateuco, três vezes. É uma violência religiosa, a do Pentateuco, penta significa cinco, são as vitórias da seleção brasileira de futebol, todas

menos uma.

O meu senhorio diz que não é autoritário, que de vez em quando é preciso um abanão. Eu sou o abanado. Habituei-me. O vizinho de cima também, aos setenta anos sobe as escadas entre o rés do chão e o sótão com as mãos no chão, a vida toda passar-lhe à frente. Para o despejar, o senhorio acusa-o de populismo. Idoso, terceira idade, a beneficiar de uma renda baixíssima, o valor mantém-se inalterado desde o tempo da esperança num mundo melhor. Vem-me à cabeça o gato populista a apanhar pontapés por ser populista. Fico triste, e os gatos têm nove vidas, os gatos podem viver na rua.

*

Oksana e Gregori decidem casar numa cerimónia comunista. Que é como quem diz, querem casar no civil, o ritual é herdado dos tempos do espírito coletivo obrigatório. Quando funciona, o casamento é isso mesmo, espírito coletivo obrigatório. Os pais de Oksana obrigaram Gregori a casar. Ela engravidou, ele engravidou-a e ela deixou, engravidaram os dois. Oksana quis ter o filho e Gregori deixou. Não quis, aconteceu, aconteceu no corpo de Oksana e depois nos corpos deles, depois nas cabeças. E agora o casamento, outra não-decisão. Cerimónia comunista parece brincadeira, nos dias que correm, mas não estão a ver a juíza de bege, não estão a ver o salão municipal, cinzento o cimento e pálida a luz, não estão a ver a calma. Foi bonito. As palavras são bonitas. As flores, antes de murcharem, a murmurar «para sempre, para sempre, para sempre», as flores foram bonitas.

Maxim esperou à porta. As pessoas dizem coisas sobre Maxim. Mercenário, agente secreto, um ou outro fala em tortura. Agora, Maxim vende flores nos casamentos. Seis de uma vez, quando tem sorte.

— Reparaste nos meus ténis? — pergunta-me.

— Reparei.

— Não são os ténis, são os atacadores. Vermelhos. Tiram-me, pelo menos, vinte anos.

Agora, sim, reparo nos atacadores vermelhos e é verdade, Maxim perde dois ou três anos. Acham pouco? Experimentem quando forem velhos como Maxim. Quando se quer conquistar a vida eterna, cada ano conta.

Podiam ter contratado um estrangeiro para celebrar um casamento em coreano, com milhares de desconhecidos. Já não há desconhecidos aqui. Podia usar o estádio de futebol, como no tempo da tortura nos estádios, as pessoas de branco no relvado, as mulheres, as pessoas de branco e de preto, os homens de preto. Quando saímos da cerimónia, um grupo de rapazes imitava os maoris da Nova Zelândia. O *haka*, a dança guerreira. Felizes como quem aquece para uma competição desportiva. Um dos rapazes mostra uma tatuagem no rabo.

*

Somos emigrantes na nossa terra, trabalhamos que nem cães a sonhar com uma vida melhor onde possamos ladrar até voltar para casa. Só que já estamos em casa, este é o nosso país, a nossa casa é isto e vida de cão aqui é uma emprego. Temos de ser fortes, amar o que é nosso. O trabalho liberta. *Macht frei*. É complicado, não falem disto aos pequeninos.

Aquela sensação de solidão. De que aqui nunca mais acontecerá nada histórico e que isso é muito bom.

Se pudesse, a esta hora estaria na Finlândia, numa experiência de rendimento básico incondicional. Seria um dos mais bem-comportados. Digam-me onde e eu vou. Recebo o dinheirinho e porto-me bem, aprendo a pintar, cuido dos novos ou dos velhos, aprendo caligrafia japonesa e enriqueço o espírito e a alma a ultrapassar as contradições da vida moderna. Isto li num folheto. Rendimento incondicional é comigo. Sem condições é ainda melhor. Deem-me um bilhete para a estação Finlândia, eu vou.

*

O som da frase «sempre sozinho, sempre sozinho», gosto. Arrasto uma cauda rija pelo chão, procuro no corpo sinal das superfícies intocadas, encontro-as facilmente, são minhas amigas. São a minha casa, a minha tenda branca debaixo do sol. Conheço o meu corpo melhor do que alguma vez o desejei, e pelo lado de fora. Por dentro sou mistério. As entranhas, as almas. Não sou extraordinário, não possuo um corpo deslumbrante e saudável. O sexo é uma das minhas melhores esperanças. Uma mulher disse-me que eu tinha olhos bonitos, de muito perto, falou-me dos olhos e depois não aconteceu nada.

Mircea conta-nos que gosta da luz nas casas de banho públicas a apagar-se enquanto urina.

— Gosto daquele tempo no escuro enquanto me alivio. Fico imóvel, assim, minutos até abanar a cabeça para acender a luz automática.

Garante que repete a operação várias vezes, até perder a vontade de urinar.

*

Sei uma coisa ou duas sobre masculinidade. Do que não sei nada é das mulheres. A sua verdade, os seus detalhes implacáveis. Sinto que esperam por uma oportunidade para me dizer não. Sabem mais de mim do que eu delas e, enquanto aprendo uma coisa, elas aprendem duas ou três. A sensação definitiva de não saber. Consola-me imaginar uma mulher que gosta de mim, mas que vive muito longe, do outro lado do planeta. Quando estou acordado, ela está a dormir, e, quando estou a dormir, não sei o que ela está a fazer. Às vezes eu tenho frio e ela está no verão. Imagino-a no verão.

*

Witold é uma espécie de religioso, a cada mês adota um novo paradigma de vida e passa o mês seguinte a falar do paradigma. Os paradigmas são sobre mulheres ou sobre sexo ou as duas coisas. Eu não percebo os paradigmas de sexo, essa é a parte religiosa, não perceber.

Witold pensa que sabe cantar, diz que soa como o Dalai Lama no Everest. Alguém lhe disse que o Dalai Lama nunca esteve no Everest, não no cimo, não a cantar?

Lidjia é crente. Acredita no messias do pão e no messias do vinho. Bebe demais, intoxicada tem mais certezas, chega a namorar o politeísmo. Avisou-me que quem vê a face de Deus enlouquece.

— Conheço as mil faces de Deus, de perto — garante.

— Alguma vez foste inocente, Lidjia?

— Não tenho a certeza, esqueci-me.

Oksana aparece mais magra, outra vez, faz dieta como quem faz um filho. A mesma atenção, a mesma interrupção.

*

— Herpes labial — diz-me a médica, tateando o seu lábio inferior, para eu não me esquecer.

Tenho uma doença venérea sem fazer sexo. Sinto-me um mensageiro de Deus. Isso: estranheza e solidão. A médica pergunta se sou sexualmente ativo. Esforço-me por separar as duas palavras, sexualmente e ativo.

— Tem uma vida sexual ativa? — insiste.

— Nem por isso.

— Como nem por isso? Sim ou não?

— Não. Prefiro não dar pormenores. Trabalho em reciclagem — acrescento.

— Não foi o que lhe perguntei.

Percebo que assinalou NÃO no formulário. Agora é oficial: NÃO sou sexualmente ativo. Empobreci, sinto-me verdadeiro, estou aliviado. A médica receita um medicamento para os lábios e diz que vai desaparecer, o herpes. Em dois dias já não se vê nada. As melhores doenças são as que não se veem. Escolher uma médica foi a decisão

acertada, digam o que disserem, é melhor dizer que somos sexualmente inativos a uma mulher do que a um homem. Será?

*

Anton diz-me isto.

— Tenho medo de ficar surdo e deixar de ouvir as mulheres jovens.

— Há poucas mulheres jovens aqui.

— Por isso, por isso.

Está deitado no chão da minha sala, a olhar para as pernas da namorada.

— Para onde é que estás a olhar? — pergunta ela.

— Imagino que estou na Alemanha. Pensar assim na Alemanha não faz mal a ninguém.

Usa óculos de sol, como um cego. Os óculos ficam bem a Anton, a namorada disse-lhe isso, que casava com ele mesmo se fosse cego. Implorou-lhe que nunca tirasse os óculos. Estou encostado à parede e espreito o céu lá fora e os saltos altos das mulheres que passam. Sou um homem que gosta de mulheres, sou um filme francês. As pernas das mulheres acima de mim também me fazem pensar na Alemanha, falam uma língua que ainda não entendo.

*

Se tenho receio das mulheres? A ter namorada, preferia que fosse vegetariana. Tive uma quase-namorada chamada Sónia e uma quase-namorada chamada Sara. Posso contar-vos a história das minhas quase-namoradas. As quase-namoradas são histórias quase pessoais, uma quase-namorada é mais pessoal que uma namorada. Ou podia ser eu o vegetariano, talvez só comesse peixe, de que não gosto, tudo é relativo quando salvamos o planeta. Um crocodilo come peixe sem sacrifício, é mais uma dieta, uma filosofia. O Benito gosta de hambúrgueres.

Decido olhar o meu íntimo. Volto a esse lugar, próximo e assustado. Jejuar até me tornar religioso, deixar crescer o cabelo até tocar guitarra, comer até me tornar agricultor. Olhar para o sol até me molhar.

Agora estou a chorar.

Do que mais gosto na vida é do Sol, e mesmo assim! O Sol ilumina sempre metade da Terra. Por aqui, a escuridão é suficiente, vivemos com imensas sombras.

Não vou reciclar para sempre, não sou desses. Quero ser educador de infância na Alemanha. É competitivo, há quotas para homens, a palavra *Kindergarten* convenceu-me. Quem inventou a ideia de jardim de crianças merece consideração. Gosto que os alemães obriguem os substantivos a usar maiúsculas. Emigrar para a Alemanha é a minha hipótese de me tornar substantivo, maiúsculo. Aqui reprovei no exame para educador de infância, exame oral; adivinharam que o meu pai me batia, reprovaram-me com medo de que eu batesse em alguém. Por isso ou por ser homem, reprovado é reprovado. Não há procura por homens para jardins de infância, mesmo os que não apanharam do pai. É um rumor, o meu pai nunca me bateu, e violência entre pai e mãe não é o mesmo, as pessoas gostam de generalizar.

Vejo o meu pai na Alemanha. Não parti para cuidar da minha mãe, é difícil viajar a pensar em quem vai morrer no lugar de onde partimos. Quando a minha mãe morrer, emigro. Por enquanto, não morreu. O meu alemão é pobrezinho, precisa de melhorar.

Ontem desligaram-me a eletricidade. Ligo o botão do «vai ficar tudo bem», mas não consigo. Não, não vai ficar tudo bem.

*

Hoje a minha mãe foi para um lar, ou seja, uma casa de repouso, ou seja, um lugar onde as pessoas descansam até morrer.

— A minha cabeça está a morrer, não consigo parar de pensar —

diz-me ela. — Penso muito, enquanto morro.

Em jeito de despedida, a minha mãe desenha-me um massacre em ponto pequeno. Quando percebo a escala, assusto-me, morreu muita gente. Há corpos de mortos empilhados fora da vala comum, o que não é verdade, os mortos estavam dentro da vala e os vivos fora, à espera da sua vez de morrer. Sei isso das fotografias.

Dizem que a história se repete, a segunda vez como farsa. Isso não é bom, significa que vamos ter razões para rir quando nos vierem matar outra vez.

— A mãe gosta de desenhar massacres? — pergunto.

— Só quando estou a morrer.

Finalmente um lar!, pensei. Foi a minha mãe quem decidiu mudar-se para a casa de repouso. Depressão, tristeza e velhice, os serviços sociais anotaram apenas velhice, por preguiça. Concentram-se nas coisas visíveis, embora a tristeza seja evidente há muito tempo.

— Nunca serei pai — diz-me ela. — Nunca serei mãe — acrescenta.

A memória vai-se, a minha mãe é ainda ela, cada vez menos. O medo de nunca mais ser mãe. Na sua cabeça, acaba de sair de casa, é uma menina, é a mãe de outra pessoa, precisa de ajuda. Veste uma roupa demasiado bonita para o que lhe está a acontecer. A beleza, o seu nariz de palhaço vermelho a trocar da cara do fim.

Diz que vai ficar no lar para sempre. A enfermeira responde «não faça isso, minha senhora». Está a brincar, é uma boa enfermeira.

— Como se diz que não a uma mãe? — pergunto.

— Não pensei que fosse sua mãe.

— Pensava que era avó?

— Não percebi que ainda era mãe — desculpa-se a enfermeira.

Para onde vão os crocodilos quando morrem? Para onde vão as pessoas? Fala-se demasiado da morte dos elefantes. Despeço-me da

minha mãe, quero falar, quero dar-lhe um beijo de despedida e não consigo. Explico-lhe noutra vida, quando formos gatos.

*

— Como está a tua mãe? Bem, mal, mais ou menos? — Anton não quer saber.

— Menos.

Fecho os olhos, quero morrer. Abro os olhos, estou vivo. É preciso saber ajoelhar no momento certo. Não acreditas? Quando sentires o chão nos joelhos vais perceber.

*

A fábrica de reciclagem ocupa o lugar da antiga mina. Mudam-se os tempos... Diz-se que morreu ali gente, torturada nos armazéns de carvão. Anton jura que foi lá que fez sexo pela primeira vez, debaixo do chão, às escuras contra a parede. Ela deixou cair a roupa e a sua pele brilhava como se saída do forno. A mina agora está no centro da cidade, ou melhor, a cidade cresceu à volta da mina. O minério secou, perdeu valor, com o capitalismo é assim, nunca sabemos se as coisas desaparecem ou perdem valor. Morre muita gente. O patrão da reciclagem é um sobrevivente, tem a pose de um dinossauro. Penso nele como um dinossauro excelentíssimo. Enganou os meteoritos, fintou a falta de alimento. Veio ter connosco.

— Você devia pensar nos avanços civilizacionais — avisa-me.

— Que avanços civilizacionais?

— A reciclagem, por exemplo. É só um exemplo.

— Eu acho que já penso muito na reciclagem.

— Devia pensar mais.

Anunciou que ia despedir trabalhadores. Sabia que as pessoas iam ficar furiosas. Sabia que chamar-lhe normalização não ia ajudar.

— Pensem nisto como uma normalização. Uma racionalização.

Os mais velhos lembram-se, normalização quer dizer que vai morrer gente. Racionalização, que a matança será organizada. Comboios, horários secretos, construções no campo, cães pastores. Ao fundo, o fumo dos mortos. À chegada, a roupa dos nus amontoadas em pirâmides frias.

Noor

Afinal não se trata de um simples despedimento. É um despedimento e uma contratação, anuncia o patrão, a reciclagem vai contratar imigrantes pobres, vai ser operário contra operário, pobre contra pobre, os pobres contra os mais pobres ainda. Nesse mesmo dia, ou uns dias depois, chegam à cidade os primeiros refugiados. Ou chegam ou começamos a dar por eles. Na televisão ouvem-se frases organizadas à alemã.

Então podemos aos sírios em consciência as fronteiras abrir. Os afegãos aqui querem trabalho procurar. Os nigerianos e os africanos o Mar Mediterrâneo atravessaram até uma esperança alcançar.

Os refugiados chegam a pé, a caminho da Alemanha. Nós estamos no caminho da Alemanha. Anton não gosta de refugiados, chama-lhes imigrantes, como um insulto. Queixa-se dos atletas dos países pobres.

— Eles têm uma vantagem, treinam descalços. Depois, quando lhes dão sapatos decentes, vencem toda a gente. Não é olímpico — diz Anton —, não é o espírito.

Os refugiados dormem no passeio. De manhã, o chão ganha cores desconhecidas, como se a Ásia, a África e meia dúzia de continentes estrangeiros dormissem juntos, para mudar o mundo. É imaginação, mas é bonito. Os países não passam de variações de uma mesma coisa, só a Alemanha, talvez, seja diferente. Daí o meu desejo de emigrar? Tornar-me substantivo na Alemanha, viver como maiúscula, de cabeça levantada. Por aqui, as maiúsculas estão perdidas no passado. Sol, Deus e Estado Social, aqui é tudo minúsculas. E o que importam as maiúsculas? Um dia alguém escreveu karl marx em minúsculas, e ninguém reparou. Depois, as coisas mudaram.

Na televisão, uma jornalista passa uma rasteira a um emigrante ou um refugiado. A imagem piora em câmara lenta. Um pai é rasteirado num prado, a caminho da Alemanha. Um pai com um filho ao colo. O filho e o pai caem juntos, num prado europeu, a meio caminho da Alemanha.

*

— E tu, foda-se, gostas ou não gostas de mulheres?

— Não uses esse verbo. — Pela cara, Anton não sabe que foder é um verbo, de preferência transitivo.

Para compreender as mulheres, inicio-me na literatura estrangeira. Era literatura ou revistas ilustradas, por causa da natureza humana. Ou manuais escolares, os de Biologia, aquelas páginas centrais cheias de esquemas de nus. Aquelas setas de santo apontadas às partes do corpo, as interiores também, setas aos rins, ao estômago, setas apontadas aos corações selvagens. Vejo-me a visitar uma biblioteca no estrangeiro. Witold surpreende-me à saída, com um livro na mão.

— Livros? Que merda é essa?

— São só livros.

— Mas que livros?

Clichê: um escritor enumera os livros que levaria para uma ilha deserta. Ou para uma cabana na floresta. Um clássico, quem diz escritor, diz filósofo, quem diz ilha deserta, diz uma floresta negra na Alemanha. Quais são os livros escolhidos para nos acompanharem no fim do mundo? A Bíblia, claro, o Quixote, bem entendido, e algumas obras de Shakespeare. Ah! Shakespeare!, boceja o escritor. É um clássico, toda a gente vai ler a mesma coisa quando chegar o fim do mundo. Percebo que ninguém perguntou pela mulher do escritor. Foda-se!, exclamo, intransitivo. Esta aura linda dos livros, e ninguém se lembra da mulher do escritor, mas é ela quem prepara o pequeno-almoço do escritor, na cabana, na Floresta Negra. Pequeno-almoço todos os dias.

*

Peço uma licença para visitar a minha mãe. É imediatamente recusada por Lazarus, o patrão da reciclagem, que desvia a conversa, diz-me que tem amigos em África.

— Tenho amigos em África, foram lá aprender capitalismo.

— Ensinar capitalismo? — digo.

— Não, aprender. O capitalismo, agora nós só aprendemos, chegou a nossa vez, estamos proibidos de ensinar. Tenho um amigo no turismo nas Seychelles, outro é mergulhador num viveiro de salmão norueguês, na Nicarágua.

— A Nicarágua não é em África.

— Pois não, mas também se aprende lá um bom capitalismo.

Hesito em chamá-lo de capitalista. Patrão, empresário, administrador de empresas. Na reciclagem, os títulos não são importantes, o que interessa é a função.

*

Quando não posso visitar a minha mãe, telefono. Do outro lado da linha, não ouço nada, ouço um silêncio mudo que é a minha mãe. Sinónimos de mãe, procuro e não encontro. Procuro a tradução de mãe. *Mutter, maman, ma, mamá, madre*. Depois de desligar o telefone, sentado na cama, sussurro a palavra mãe. Apaguei a luz, acendi um cigarro. Não, não acendi um cigarro porque não fumo. Mas vi-me a acender um cigarro, era um fumador na pausa de um filme.

*

A Alemanha abre-se à imigração. É uma surpresa alemã, ninguém estava à espera. A Alemanha devia poupar nas surpresas, algumas das piores surpresas foram alemãs, é da história. Engenharia automóvel, máquinas de precisão, sim, filosofia talvez, e por aí fora. Por favor, menos surpresas alemãs.

Anton diz que está farto dos estrangeiros até aqui, enquanto leva a palma da mão, feita lâmina, ao pescoço, encosta-a à maçã de Adão.

É costume dizer «até aqui» com a mão no cabelo, mas Anton leva a mão à maçã de Adão.

— Há um jogo que os artistas gostam de jogar. Descobrir quantos brancos há numa folha de papel em branco. Gosto desse jogo, nunca vejo mais que um tipo de branco. Não sou artista. Fico ali à espera do segundo ou terceiro tipo de branco. Nada.

— Nada?

— Para mim há só um branco. Não sou artista. Não sou um pele vermelha, não sou um perigo amarelo?

— Não exageres, só não és artista.

*

Uma refugiada chamada Noor vem trabalhar na reciclagem. Refugiada ou imigrante, não sei, é bonita. Os seus olhos inesperadamente azuis, como o céu em alguns lugares, todos os dias. Olhamo-nos pela primeira vez, calados. Quase olhamos um ao outro nos olhos, Noor sem nada para dizer, eu com cara de quem já disse tudo. Nesse momento, percebo que Noor é uma mulher. Isso é bom, é irreversível. Depois percebo que me observa. Fico contente. Sinto-me grego, sinto-me missionário. A posição de missionário, sem a religião.

— A tua mãe morreu? — pergunta-me.

— Como é que sabes? Não, a minha mãe não morreu. Quando ela morrer, vou para a Califórnia.

— Onde na Califórnia?

— Califórnia é Califórnia. Para mim, qualquer sítio serve, desde que seja Califórnia.

Minto, o que eu quero é ir para a Alemanha. Noor usa um sari colorido que me faz pensar no mundo e sentir mais espiritual, as duas coisas, acho que é um sari. É do Peru, o sari, mas, se é do Peru não se chama sari. É uma saia internacional, de bom gosto, relativamente barata, confeccionada numa cooperativa de mulheres pobres que vivem numa montanha.

Era um fim de dia, talvez, terça-feira, por exemplo. Voltei para casa, corri para o espelho e pus-me a falar alemão. Ensaiei uma careta de boca aberta, como na primeira lição de alemão. Hesito entre dois pronomes pessoais, o tu e o eu. Eu sou o eu. Noor é aquele espanto do primeiro tu em alemão.

*

— Noor Al-Nazri.

— De onde vens?

— De Nazri, claro. De Nazaré.

Não conheço uma palavra de árabe. Nem de chinês, nem de grego, embora grego não seja a mesma coisa. Mesmo checo ou eslovaco, não lhes conheço uma palavra. Uma das vantagens da imigração é aprender línguas. Mas nós, na Europa, habituámo-nos bem às traduções.

— Não conheço ninguém de Nazaré — respondo, finalmente.

— Ai conheces, conheces! — diz Noor, definitiva. — Não te digo quem, adivinha.

Depois pergunta-me se eu tenho um passado.

— Não — respondo. — Não tenho passado. E tu?

— Prefiro não dizer — diz ela. — Também não tenho passado.

— Que bom.

Um passado, por aqui, é objeto pesado. O passado é casa roubada, é pai incógnito. Uma casa judia, depois fascista, finalmente comunista. A mesma casa a passar de mão em mão. O passado pode ser um assassino na família, pode ser uma vítima, as pessoas não precisam da verdade. Pergunto-lhe se quer viver nesta parte da Europa para sempre e Noor diz que não, que não quer viver para sempre. Quer prosseguir estudos de género em França.

— Estudar, estudos de género.

— De que género? — pergunto.

— Homens e mulheres, mais mulheres, menos homens. A perspectiva feminina.

— E vale a pena atravessar a Europa a pé para estudar estudos de género?

— Ora se vale.

Oferece-me uma amostra de vocabulário especializado. Instantes depois já consigo imaginá-la a estudar masculinidade tóxica em Paris, e a ser feliz.

*

A minha vida amorosa toma um caminho inesperado. A primeira curva. O caminho menos viajado. Noor, para mim, é os reis magos, os três juntos, outro sexo, três reis de um género diferente. Espero que um dia Noor me fale de viagens, afinal ela fez o caminho dos reis magos ao contrário. Viu a estrela e afastou-se do Oriente. O brilho e a luz das explosões pelas costas, aquele primeiro passo com a casa e a comida a desaparecerem atrás dela, ao ritmo das imagens de televisão.

Noor é vegetariana, mas come peixe. Eu raramente consigo dinheiro para carne. É o *karma*. Ela é quase vegetariana e eu quase não tenho dinheiro para carne, estamos unidos, quem sabe isto é para sempre. O meu dinheiro para carne, gasto-o a alimentar o crocodilo. Podia convencer o Benito a tornar-se vegetariano, destruir metade de uma floresta virgem para o alimentar, metade é exagero. Mas quem confiaria num crocodilo vegetariano? Há perigos escondidos.

— *Hello*.

— *Hello* — responde-me ela.

Falamos em inglês. A língua franca da reciclagem não é o inglês, mas o inglês ajuda. Em cada país, a reciclagem usa línguas locais e símbolos. Sinais verdes, amarelos e azuis, os símbolos são a língua muda da salvação do mundo. Mas o inglês ajuda. O sotaque de Noor impressiona. Explica-me que estudou humanidades, e eu tenho uma premonição: a salvação é essa, as humanidades. No plural, sem maiúscula. Estudou

literatura, gosta de corrigir as vírgulas nas frases, as vírgulas que não estão lá.

— Aí devias pôr uma vírgula.

— Interrompe-me o ritmo, sabes? — desculpo-me.

Acabo por reconhecer que é bom ter as nossas vírgulas no sítio.

*

Ivan diz que entende alguma coisa do amor e tenta vender-me um frasco vazio com a etiqueta «Espírito do Amor». Pergunto quanto é. Queixo-me, é caro, para um frasco vazio.

— O frasco não está vazio — protesta.

Que bom seria resolver os problemas do mundo com frascos vazios, etiqueta à escolha.

*

Finalmente visito a minha mãe. Volto a casa e lavo as lágrimas dois minutos, até parar de chorar. Gostava de imitar o choro de um crocodilo e não consigo. Estou triste. Contei-lhe da Noor.

— Noor.

— Noor? — perguntou-me.

— Noor de Nazaré. Al-Nazri, no original. Um nome bonito — digo.

— Que raio de nome bonito é Noor? — protesta a minha mãe. Al-Nazri soa-lhe a alguém conhecido, que já morreu.

Falei de Noor muito tempo. É um nome das mil e uma noites, saído da milésima primeira noite, quando as coisas começaram a ficar interessantes.

— Há uma coisa que precisas de saber sobre a Noor — murmura. — É Noor, não é, o nome dela?

A minha mãe garante-me que o meu amor é platónico e pode durar toda a vida. Sinto um nó no estômago. Se é platónico e para toda a vida, pelo menos que não seja amor.

Esquecer é o que a minha mãe sempre fez: esquecer o meu pai, esquecer o seu nome. Esquecer é uma viagem de adeus. A minha mãe esqueceu os bailes da adolescência, não se lembra por que estavam lá, as raparigas e os rapazes, os homens e as mulheres. Não se lembra de dançar com o meu pai, não se lembra porquê. Diz-me para pensar bem nos afetos. Afaga-me o cabelo como se eu fosse criança, a sua mão de mãe descansa no meu pescoço. Já não sou criança, não sou, não sou. Esquecida, aperta-me o pescoço, docemente, e eu imagino-me sem respirar, a gritar «não sou, não sou» para dentro da minha própria boca.

Uma mão de mãe no pescoço, nunca percebi se os gestos dela foram só amor. Sim, eram raros, mas seriam amor? Cada gesto saía de uma caixa escondida. Todos os dias, a minha mãe retirava da caixa os gestos estritamente necessários. Era uma caixa pequena, mas tinha gestos importantes lá dentro, a descansar, um exemplar de cada gesto importante. A minha mãe usou poucos gestos, ela amava assim, poupava assim. Há gestos que nunca saíram da caixa, estão lá até hoje, para serem usados no futuro. Também não usava palavras de amor, a minha mãe, as palavras estavam numa caixa diferente.

*

Lembro-me bem, é sexta-feira e eu tenho doze anos, doze ou treze. É sexta-feira. Esgueiro-me para a casa da vizinha, por causa da filha da vizinha. Ela é mais velha que eu, ainda é uma criança. Falámos algum tempo e podemos ter dado um beijo platónico na varanda. É assim que eu lembro o beijo: longo e platónico. Quanto à varanda, tenho a certeza. À nossa volta animais, muitos gatos e no ar uma calma abstrata e má. Depois do beijo platónico, pensei: «não se ouve um sino que seja». O que mais tive foram amores platónicos. Não foi escolha minha. Basta uma pessoa querer para o amor ser platónico. Ou devia bastar. O sexo precisa

que duas pessoas estejam de acordo para acontecer da melhor maneira.

*

A indústria de reciclagem contrata mais refugiados, mais mulheres. Os nomes das trabalhadoras são versões em línguas estrangeiras de Assunção, Imaculada, Mariana, Lurdes, Fátima. Ascensão, Purificação e Encarnação. Fátima é um nome interessante pelo menos em duas religiões. Uma filha, uma senhora, um santuário.

— A Fátima devia fazer teatro. — O empresário da reciclagem nunca se interessou por teatro.

— Eu, teatro?

— Teatro. Você tem jeito para atriz, Fátima.

— Mas teatro como?

— Num palco. Em frente a milhares de pessoas, faça chuva ou faça sol. Eu vejo-a como atriz. Se for ao sol, melhor.

Lazarus sugere carreiras nas artes, é a maneira de reduzir os salários aos trabalhadores. O industrial da reciclagem descobre, entre os contratados, pintoras, escritoras, atrizes de palco e telenovela, artistas de rua. É uma ameaça, os operários terão sempre o precariado da cultura. Queres prestígio? Vai, vive o teu sonho, o importante é sonhar, mas depois não venhas pedir emprego. Já agora, os salários aqui são assim.

*

Noor continua bonita e jovem, a beleza é subjetiva, não consigo desviar os olhos dela. É como se me visse a mim mesmo, em melhor, em feminino. Não desviar o olhar é um exercício que os homens fazem há muito tempo. Sinto-me um homem, um dos bons.

Não restam dúvidas, gosto de Noor. Tenho a certeza. Acho que gosto. Talvez. Muito.

*

Na pausa para almoço, Noor traz um livro na mão. Lê bastante, e isso é *sexy*, não sei porquê, já ninguém lê, talvez por isso. Adora o cheiro dos livros. E o toque, o toque então! Noor abre o livro e passa um dedo suado pela fenda interior, entre duas páginas abertas. Cheiras?, pergunta-me. O nariz de Noor desaparece, o nariz e os olhos. Estás a ver? A boca desaparece, ficam os cabelos. Estás a ver?, insiste.

— Tu és diferente — digo-lhe.

— Nunca pensei em mim assim. Diferente como?

— Não és como as outras pessoas.

Penso em apresentar-lhe o crocodilo.

— Tenho um crocodilo em casa.

— Não tens nada.

Ou então.

— Que simpático, um crocodilo! Como é que se chama?

— Adivinha.

E Noor adivinhava.

— Benito? Francisco? Adolfo? António? Iosif? — atira nomes ao acaso?

— Benito. Como é que adivinhaste?

— Deve ser grande, o teu crocodilo!

*

Gregori vem falar-me sobre sexo, não percebo porquê. Explica que, durante o sexo, Oksana e ele dizem muitas vezes «Estados Unidos», ao mesmo tempo. «Especialmente no instante antes de acabarmos, gritamos “Estados Unidos”. Resulta sempre.» Estados Unidos? Não posso confirmar, ainda não. Nesse mesmo dia, Anton diz-me que vai ter um filho. Outra vez, e desta vez é se Deus quiser.

— Se for menino, chamo-lhe Iosif; se for menina, Rosa.

— Não te dizem o sexo na ecografia?

— Prefiro a surpresa. Não gosto de saber o nome das pessoas que ainda não nasceram.

A máquina de ecografias é um dos objetos modernos da cidade. Oferta da Alemanha, de uma cidade irmã, geminada, para ser exato. É irónico, as pessoas a hesitar entre emigrar e não fazer filhos, e da Alemanha enviam-nos uma televisão mágica para escolhermos os nomes dos bebés. Menino? Menina? Cor-de-rosa, azul? A ecografia é uma televisão iluminada que se ri no escuro. O mundo mágico da vida antes de nascermos. I-no-mi-ná-vel.

*

Se Noor gosta de mim? Não sei. Questão de sorte? Atiro uma moeda ao ar e a moeda ainda está no ar a voar e eu a pensar cara, coroa, bem me quer, mal me quer. Os homens e as mulheres aproximam-se pelo cheiro. O cheiro preocupa-me. Noor tem bom hálito, nunca estive a menos de um metro da boca dela, mas, em espírito, estamos cada vez mais nus. Coloco as mãos em concha à frente da minha boca e expiro lentamente. O meu hálito não é bom, já suspeitava.

Noor flutua. Vejo-a ligeira, voadora, pássara, impalpável. Não se sustenta sem adjetivos, fica com os pés presos ao chão. Olho-lhe os dedos, tão bonitos, e entendo as garras de certos animais. Pergunto-lhe se quer visitar o meu apartamento. Noor diz que sim, pensativa, e depois diz que não, pensativa. Em que estará a pensar?

De repente, estamos no meu apartamento e Noor deu-me um beijo, ali mesmo. Começa ali. Estou fora de mim, sou duas bocas, três ou quatro olhos, uma língua inesperada a sair-me da boca do meio, dois braços para abraçar, dez dedos para rezar acompanhado. A vida está toda ali e respirar é um luxo. Mais ou menos nesse instante, sofro mudanças incompreensíveis, para melhor. Perco a ingenuidade de uma maneira bíblica. Depois conto-vos.

*

A Ilha do Amor. Austrália. Preparem-se para o amor, a luxúria. Roupas reveladoras. Um coração cheio de amor, um verão de amor, uma ilha de amor, há muito dinheiro em jogo. Eis que chegam os ilhéus. Oh, meu Deus, é tudo tão bonito, meu Deus. Tudo é... Uau. O meu nome é... e ontem aprendi a amar o meu cabelo. Alguns homens em Los Angeles têm 65 anos ou mais. Sou um cachorrinho, preciso de atenção. A minha última namorada enganou-me e eu ainda não esqueci, ainda não estou pronto para enganar alguém. Todos têm a sua cor privada, todos são bonitos. Bem-vindos à Ilha do Amor. Gosto de pessoas divertidas, elas divertem-me. Gosto do teu cabelo. Já estive apaixonada uma vez, senti borboletas dentro da barriga. Borboletas à primeira vista. Gosto de raparigas que saibam cozinhar. Amo, amo essa rapariga. Eu também gosto de cozinhar. A minha mãe gostava de cozinhar. Gosto da minha mãe. O meu homem ideal podia ser verde. Cabelo cor de laranja, pernas roxas. Bem-vindos à Ilha do Amor. Eu quero uma rapariga com as pernas na terra, uma rapariga com as pernas na terra da ilha. Gosto de animais, tenho dois cães incríveis. Sou vegetariana e gostava que fosses vegetariano comigo. Estamos na Ilha do Amor, ninguém adivinha quem vai desembarcar na praia amanhã. Adoro escovar os dentes. À noite. São tão íntimos, os dentes, às vezes eu e tu parecemos casados. Ele disse: há só uma cama. Apontou com o dedo. Uma cama?, perguntei. Nessa noite, ficámos os dois tão próximos.

*

Agora Deus.

— Acreditas em Deus?

— Só quando canto em coro — desculpa-se Noor. — Queres cantar comigo?

— Não, eu desafino.

— Vá lá, os dois, em coro.

— Desculpa, eu desafino sempre.

A quantidade de religiões estrangeiras confunde-me. O meu Deus é um e está em toda a parte, nada mais simples, não preciso de viajar. Lidjia começou a acreditar em Deus quando ouviu Elvis. *Jailhouse Rock*. Ou *Love Me Tender*, uma das duas canções, não se lembra qual.

Estamos no meu apartamento. O crocodilo dorme a sesta. Noor nem olha em volta, é como se houvesse uma luz, é como se não estivéssemos os dois dentro de um buraco.

— Nunca pensei que uma mulher se interessasse por um coxo — confesso. — Arrependo-me de não ter começado a coxear mais cedo.

— Subestimas as mulheres. Basta olhar-te nos olhos para ver que coxeias.

— Agora já me conheces, não precisas de me olhar os olhos.

Ainda do lado de fora, durante dois minutos, não encontrei a chave da cave. Pedi a Deus que me encontrasse as chaves. O meu Deus é bom a encontrar coisas pequenas.

— O teu apartamento é pequeno — disse Noor, à entrada. Foi bom ela chamar-lhe apartamento.

— Não gosto dos grandes espaços — desculpo-me. — Lembram-me a América, os bisontes. Ou a Ásia.

— Não gostas de bisontes?

— Não à solta, nos grandes espaços.

— Tu és diferente. — Faz-me uma festa na testa. — Há tantas pessoas a gostar de bisontes nos grandes espaços da América do Norte.

— Eu sei, mas para mim é triste.

As palavras de Noor imitam palavras escritas, e, no entanto, são palavras novas, ditas pela primeira vez. Acaricio-a e sinto a presença dos meus pais, de braços cruzados, a lamentarem «Meu rico menino, como estás crescido!». O meu pai não está, na verdade só a minha mãe fala. O que diria o meu pai?

— Estou sozinho. Não sei porquê, acho que também estás sozinha.

— Estamos sozinhos.

Noor diz «estamos sozinhos» e eu lembro-me do crocodilo a descansar na cozinha. Receio que acorde, que cacareje, que uive, mie, que ladre. Que mie não, que cacareje.

No dia seguinte, lembro bem, dizem-me que a minha mãe perdeu a memória. Que agora precisa de tomar comprimidos para a memória e para a tristeza. Os comprimidos serão a sua nova família. Pretos, brancos, vermelhos, amarelos; na doença, a minha mãe torna-se internacional. Todas as cores a trabalhar para o mesmo, que é a memória e, se ainda for possível, a alegria.

No dia anterior, na cave. Atenção, está tudo duplo, é tudo dois, isto será verdade? Noor tem ancas em círculo, o que não parece muito, mas a mim diz-me imenso. O tipo de ancas que insistem na sua redondeza.

— Gosto do teu perfume — digo. Minto.

— Não gostas nada. Atravessei a Europa com este perfume. Está seco da viagem.

Sinto o crocodilo a rastejar. Lentamente. Curiosamente. Definitivamente. É a primeira vez que avança assim. Ciúme? Fome? Ao mesmo tempo, Noor aproxima-se com aquele cheiro a terra e o ruído da respiração.

— Cheiras a Roménia.

— E a Bulgária.

— Cheiras a Turquia e a Grécia ao mesmo tempo. Cheiras a Hungria.

— Cheiro a Polónia.

— A Eslováquia. A Sérvia. A Croácia e a Eslovénia.

— A Eslovénia não, mas foi por pouco, cheiro a Áustria.

— Gosto dos teus cheiros.

Agora não minto, gosto dos seus cheiros e do seu hálito, o hálito de Noor dá-me certezas. A sua beleza é tão evidente que pensar em Noor como uma mulher feia é uma tentação. Não caio em tentação, Noor é bela, bela a farei. Avançamos mar adentro sem fechar a boca. Damos as mãos e fazemos pequenas coisas estúpidas um ao outro. Não estou aqui

e isto não está a acontecer. De resto, choro, sobretudo por dentro. Nunca estive tão perto de um apogeu, tão próximo do frio ventoso no cume surpreendente de uma montanha. O que acontece, acontece sempre entre duas pessoas, mais ninguém sabe. Ninguém compreende. Noor é alma e eu corpo, talvez por coxear da perna esquerda. Durante o sexo não coxeio, nem sequer me sinto coxear. Uma recomendação: não façam sexo a pensar no dia de amanhã. Concentrem-se, vivam o momento, *carpe diem*, como recomendam os poetas e poetisas que fazem sexo. Pela nudez de Noor meço as dimensões da sala, altura e largura, principalmente, mão e pés e ancas, tudo. Os meus sentidos e os dela juntos, à distância, soprando-nos na nuca, a milhares de quilómetros. As imagens e o som a viajar, e o tato, e o cheiro e o paladar, como viajam! Especialmente o tato. Sinto os meus dedos, quase lágrimas, os meus dedos na pele dela e a mão dela no meu corpo. Quase choro.

Sexo, pensei que eu ia ser um teórico nervoso. Afinal sou um prático, um calmo. A crueldade é um prazer secreto, o segredo desapareceu e a minha crueldade está nua e calma, come um gelado, sem pudor, puro prazer.

Agora gosto de Noor literalmente, de corpo e alma, talvez mais alma.

*

O crocodilo aproxima-se. Tudo pode acontecer. Os movimentos do crocodilo fazem-me concentrar toda a atenção em Noor, em cima de mim, de cabeça levantada e costas direitas. Parece feliz, eu também pareço. Os nossos corpos são instrumentos de escrita, mas acontecem-nos coisas antes do alfabeto, coisas mudas e verdadeiras que estiveram sempre lá. A qualquer momento, vai pegar num megafone e gritar uma notícia sobre nós. Sinto que Noor canta qualquer coisa, ou chora.

— Choras? — pergunto.

— Não, estou a cantarolar qualquer coisa. — Percebo que preferia chorar. — Sabes que somos iguais, não sabes?

— Agora sei, somos iguais, acho que sim. — Sim, sei.

O orgasmo, esse momento sublime em que vemos a vida diante dos olhos e não morremos, a vida a passar-nos pelo corpo, nós agarrados ao instante de vida, a viver para contá-la. Não morremos, é melhor que isso. Juntos, trocamos de cor de pele, a minha pela dela, a dela pela minha. Misturamo-nos como café, como água, chocolate.

É divino cair, é divino voar.

Com Noor, quero fazer quase tudo. Tudo é uma coisa, quase tudo é muitas coisas. No instante antes do êxtase, percebo que a conheci completamente. Antes ou depois. A linha do tempo perdeu-se, o tempo não interessa. Não morremos.

*

Quando acordo, no dia seguinte, deixei de coxear. E é para sempre. O amor curou-me a perna esquerda.

Sou um operário descalço a viajar a pé até ao Polo Norte. O frio é imenso, há semanas que a fome é inultrapassável. Preparo-me psicologicamente para jantar os cães que puxam o trenó.

*

A situação na fábrica de reciclagem não melhora, piora. Abusos, perseguições, salários baixos, casas de banho vigiadas. Noor decide organizar as mulheres como os pobres do mundo e lutar por um contrato coletivo. Os capitalistas não gostam de contratos coletivos, querem lixar-nos um a um, uma a uma. Lazarus acusa Noor de organizar um sindicato selvagem. É a nossa natureza, somos os selvagens da reciclagem. Penso na selva como um elogio.

*

Nessa noite, Noor recomenda-me que aprenda mais sobre o segundo sexo. Penso que fala de mim, mas não, fala dela, ou melhor, fala de todas

as mulheres. Aprender, neste caso, quer dizer ler. O *Segundo Sexo* é um livro. Decido comprá-lo, mas só encontro o segundo volume de *O Segundo Sexo*. Em saldo. Mesmo assim, levo-o para casa.

— Já começaste a ler *O Segundo Sexo*?

— O primeiro ou o segundo volume?

— O primeiro, claro.

— Comprei o volume dois, estou a tirar apontamentos.

Somos tão diferentes, os dois. A empatia é um conceito tão precioso que decido usar a palavra alemã, por questão de rigor. *Empathie*. A palavra alemã para empatia é uma palavra francesa.

— Lê o Jung, lê o Freud, mas não ao mesmo tempo — aconselha-me.

— O Freud primeiro. Depois esquece o Freud e lê o Jung. Depois esquece o Jung.

Percebo. No fim, o importante é esquecer.

*

— Imagino-te a chegar aqui por baixo da terra da Europa. A cavalo num touro. Raptaste o touro e ordenaste-lhe para onde ir, o touro não queria vir para a Europa. Tens uma trela na mão. Estás nua e tu mandas. O touro não queria vir.

A relação entre Noor e o chão da Europa acalma-me. Sou uma criança que brinca com um balão verde, uma bola azul, atiro a bola ao ar e não a deixo cair. É uma bola de água e ar puro, não quero que caia. Olhamos as costas um do outro como se fossem apenas costas, ou seja, não nos olhamos nos olhos. Metade amorosos, metade fartos, metade atentos, não nos olhamos nos olhos. Três metades, descubro a matemática do depois de uma relação sexual e a palavra relação soa a tia solteira que lê revistas à noite, sozinha à lareira. Revistas de reis. Decidido, afasto o estereótipo.

Lemos em voz alta, histórias de amor. Trocamos o nome da princesa

pelo nome Noor e o nome do pobre pelo meu nome. Lemos em voz alta até deixarmos de acreditar no amor. Às vezes conseguimos deixar de ler antes de deixarmos de acreditar. A partir daí, trocamos outra vez os nossos nomes pelos nomes das personagens. Princesa, pastor, camponesa, sapo, sereia, príncipe perfeito. E viveram felizes para sempre, dois a dois, nisso acreditamos.

*

— O teu tom de pele é incrível. — É um elogio, eu sou mais branco, Noor pode pensar que não faço férias há vários anos. É verdade. — Incrível mesmo.

Um sentimento repentino, talvez precise de uma circuncisão, mas temo que atrase a minha entrada na Alemanha. Em sonho, obrigam-me a baixar as calças à entrada da Alemanha. Recusam a entrada aos circuncidados. Partilho com Noor o meu sonho alemão.

— Não é um sonho, é um pesadelo, não vai acontecer, já aconteceu, não te preocupes.

Noor não sabe alemão, eu sei pouco alemão e sei pouco do corpo de uma mulher. Aprendemos juntos, cada um à sua maneira. Palavras feias para coisas bonitas. Mamilos, *Brustwarze*. Gengivas, *Zahnfleisch*. O púbis, *Schambereich*. Clitoris, *Kitzler*, esta, afinal, uma palavra bonita. Sexo, *Geschlechtsverkehr*. Percorremos juntos os sinónimos de cópula, os sinónimos de sexo. A palavra em alemão para sexo não me convence, é demasiado complicada. *Geschlechtsverkehr* significa relações sexuais, sexo, em alemão, é *Sex*, nisso os alemães são americanizados, graças a Deus. O vocabulário para amor é ilimitado, há homens que ficam anos a falar sozinhos.

*

Tomo banho. O meu banho não incomoda ninguém do outro lado da parede porque não há lá ninguém, há terra, vivo debaixo da terra, à profundidade do país dos mortos. Se agora morresse, ficava já aqui. Os

meus pais estão mortos. O meu pai desapareceu e a minha mãe está num lar de repouso, a esquecer, mas não morreu.

Penso em Noor e vejo-a nua, penso nela nua, de uma maneira boa. Agora sim, sei que estou apaixonado. Somos muito novos, temos a vida à nossa frente, melhor aproveitar antes que isto passe.

*

A minha mãe deixou para trás a gaveta onde guardava as fotografias, do tempo em que as fotografias se guardavam em gavetas. Encontro uma foto do meu pai vestido de Carmen Miranda. Aconteceu. O que mais gosto na Carmen Miranda é a dignidade, as pessoas olham aquela fruta e não pensam na dignidade. Há uma década e meia, esta cidade só conhecia bananas das fotografias. Depois, aquilo aconteceu e as pessoas pensavam que comer bananas era ser feliz, mas o que nos faz feliz é a dignidade. Daí a Carmen Miranda. Na imagem, o cabelo e o batom do meu pai são uma revelação. Numa outra fotografia, o meu pai abraça um homem vestido de jacaré. Parecem muito amigos. É uma espécie de traição. Sinto que o desconhecido mascarado de crocodilo pode explicar metade da minha vida, a metade do pai. O homem vestido de jacaré olha para mim e pode estar a rir ou a chorar, pode estar a chorar lágrimas de crocodilo, o jacaré. Não estou triste nem feliz, não choro, comporto-me com dignidade.

Se fecha a boca e os dentes ficam à mostra, é crocodilo. Se os dentes desaparecem, é jacaré. O focinho de um jacaré tem forma de U, o de crocodilo é pontiagudo, em V.

Em silêncio, falo com o meu pai na fotografia. Agora que sei mais sobre quem és, percebo melhor quem sou. Não é gostar de mulheres ou de homens, é ter um crocodilo na cozinha, é gostar de alguém. Nos meses seguintes, trago a fotografia comigo, mas mantenho a distância do meu pai, por assim dizer, e um respeito muito de filho, muito de estrangeiro.

*

O patrão da reciclagem vê os empregados como parte da sua vida profissional. Despede-os colocando-lhes a mão no ombro, mantém-se calado até o empregado começar a chorar. Depois, nada.

— Pense em si como reciclável. É um ponto de vista. Pense nesta cidade a meio de um processo de reciclagem. Depois de morrerem, as pessoas serão pessoas melhores. O processo é lento, ninguém percebe que melhora, as pessoas chamam-lhe envelhecer. Estão a ser recicladas e não sabem. Sabe o que Deus fez no sétimo dia?

— Descansou?

— Não. Reciclou.

— Reciclou.

— Da noite fez dia e do dia, noite, e depois continuou por aí fora até agora.

Imagino um mundo onde meio mundo compra coisas de papel, plástico, vidro e metal e o segundo meio mundo separa o papel do vidro e do plástico e ganha dinheiro com isso. O meio mundo que separa o lixo do mundo seríamos nós, seríamos o centro da reciclagem mundial. Um sorvedouro do bem. Um templo enterrado. Uma nave sossegada, uma imagem da salvação do mundo, paisagem com um sol amarelo. O primeiro mundo faria documentários sobre nós, seríamos heróis. Teríamos quinze segundos para dizermos o nosso nome na televisão e escrever uma palavra importante numa lousa preta. Pai e mãe seriam palavras importantes. Depois, adeus, até ao meu regresso, desaparecíamos da televisão. No fim, os autores do documentário viriam mostrá-lo aqui, numa praça ao ar livre, e fariam um segundo documentário a mostrarem-nos o primeiro documentário, mas o segundo documentário nós já não íamos ver.

Estão a acabar com os pobres do mundo, é preciso pensar na felicidade. Felicidade é uma palavra importante. Caminho a pensar nas gerações, as vivas e as que hão de vir, calculo a pegada ecológica de cada geração. O meu andar não é natural, tropeço.

O patrão da reciclagem fala de salários emocionais. Um salário emocional é uma coisa nova, uma coisa que não custa dinheiro. As pessoas ficam tristes, ficam furiosas, as emoções ao rubro.

*

Mulheres à frente, e à frente dessas mulheres, as mulheres refugiadas. Voam sem se mexer ou estão ancoradas ao chão, a fábrica enche-se de movimentos simbólicos a avisar que o mundo parou. As linhas de reciclagem chamam sozinhas, confusas. O papel e o cartão, o metal, o vidro e o lixo acumulam-se, caídos ao lado das máquinas como meninos mortos. O ruído dos equipamentos e o silêncio das mulheres eram sinais do fim. As cores da reciclagem misturavam-se nas cabeças dos operários, os homens atrás, as mulheres à frente. Não havia lado a escolher. Eu respirava, lembro-me disso. A imobilidade tornava-nos a todos amantes e amigos, animais de companhia, amantes de estimação. Noor parecia muito alta, a estátua de uma mulher a lavar roupa no rio, próximo dos pobres. Era difícil não olhar para ela, era difícil não me sentir pequenino. Vi-nos a fazermos amor numa biblioteca, sem interromper o silêncio, indiferentes aos livros.

— Vocês não estão a pensar o que eu estou a pensar — gritou Lazarus, de pé. — Não estão a fazer o que eu penso que estão a fazer.

Tive a sensação de que Lazarus nos falava em alemão. Avançou até à passadeira rolante e vergastou-a com as mãos, várias vezes. Não, não falava alemão, dirigia-se às mulheres grevistas numa estranha língua de adoção, era o último falante de uma tribo sozinha, ninguém o entendia. Falava no escuro, para os seus antepassados que estavam todos no céu. O seu espírito nervoso transformava o ar em algo doce e inofensivo, como um pássaro com o cio.

Ainda não vos disse. As mulheres tinham cruzado os braços abaixo ou acima dos peitos e pareciam gigantes. Eu e os outros homens tremíamos diante das delícias imprevistas de uma nova espécie de justiça. Ouvíamos ecos, habitantes de países ricos a elogiarem a greve e as mulheres e a greve. Ao mesmo tempo, o sussurro de etiquetas alemãs,

suecas, até húngaras e eslovacas, deslizava pelo cinto de reciclagem agarrado a restos de comida, cremes de limpeza brancos ou transparentes.

Lazarus corria de um lado para o outro, feito louco ressuscitado.

— Parem com isso, parem com isso.

Era o verbo errado, parar. Numa greve ninguém tem nada a perder a não ser o movimento e a atenção, e esse momento de parar passara. Eu subia, subia em pensamento acima das cabeças operárias, e as pessoas paradas abaixo de mim eram já pequeninas e o mundo imóvel enchia-se de um amor e uma justiça que doíam. Daquela altitude perigosa, Noor exibia a aparência de alguém que acabara de interromper um ato sexual, um dos bons, decidida a fazer justiça pelas próprias mãos. Todas as mulheres adquiriam o aspeto verdadeiro de uma grande interrupção. Os homens estavam assustados com tanta justiça. Duas metades do mundo combinavam-se para fazer um intervalo. A minha sensação ao voar era de relativa impotência, mas eu não caía. Noor fazia um trabalho maravilhoso, como quem recita textos no escuro, de memória, a um coro de infelizes.

— Voltem ao trabalho. Prometam. Imediatamente. — A obsessão de Lazarus com o imediatamente, com o voltar.

— Não voltamos — disse Noor. Disse-o em inglês, e não prometeu nada.

Voar é uma ideia sentimental, é de criança, é de pássaro. Depois, tal como tinha ascendido, na minha cabeça, aterrei.

A greve durou três dias, fizemos greve de fome e não sentimos fome, bebemos água regularmente. Mantivemo-nos os três dias excitados, metaforicamente, o que parece contradição, a parte da excitação. A greve não teve nenhum cheiro de século XIX, ênfase em século XIX, aquela sua patine aristocrática e desinteressada, aquele seu romantismo tóxico, aquele seu manifesto masculino, ansioso por dias melhores. A paragem foi um bebé magnífico, acontecia pela primeira vez e mudava o mundo.

Ao fim do terceiro dia, Noor correu para mim a gritar «Ele! Ele! Ele!». Foi repetitivo, até perceber que Noor me dizia «Ele morreu!». Não acreditei. A morte não é uma repetição, pelo contrário, e a morte de um empresário da reciclagem tem sabor a destino e a ressurreição. A círculo virtuoso. Como se a morte fosse a vida continuada por outros meios, sem perturbar a vida na Terra.

Como quem tem uma arma na mão, aponte para o homem no chão.

Sim, o homem da reciclagem jazia no chão, meio afogado numa poça de amarelo mau, uma poça de urina. Lembrei-me dos mortos a fazer as suas necessidades nos segundos que se seguem à morte. A cena era bíblica, e cheirava mal. As mulheres da reciclagem rodeavam o homem inanimado, sem violência nem generosidade. Chega a ser impossível acreditar na santidade da vida, a vida é como as coisas, os cadáveres são objetos ou pior. Ao fundo, ainda a cantiga imperfeita da reciclagem. O papel, o plástico e outros animais sujos amontoavam-se no fim da linha. O dia parecia mais imóvel do que o habitual, como uma pobreza adormecida, esquecida de um aviso, e as nuvens olhavam-nos, nenhuma deixada para trás no céu enquanto o corpo inanimado de Lazarus parecia gritar lengalengas sobre o progresso. As palavras, as palavras não pareciam sair-lhe da boca. O dinheiro rondava por ali, era uma palavra morta, uma palavra alemã, uma palavra dourada, *Geld*. A palavra dinheiro era uma língua antiga a abandonar a tribo dos bons.

A seguir, Lazarus ergueu-se, ninguém percebeu como. Não estava morto, havia sangue e urina por toda a parte. Um acidente? A menos surpreendida foi Noor, Noor Al-Nazri, que anunciou a todos que Lazarus, «ele não morreu».

Senti-me pescador, tinha água pela cintura e medo de ter molhado os pés. Vontade de subir um abismo a nado.

Agora estou a chorar. Agora Deus. Penso em paisagens. Flutuo de olhos fechados, com as costas quentes, enjoado de culpa e de medo. Avançar em apneia, mas na horizontal. Lembrança para mim mesmo: respirar mais tarde. Não consigo, respiro imediatamente. Não consigo, estou vivo, a apneia não me mata, mas os detalhes da experiência da ressurreição deitam-me abaixo. Chamo-lhes pormenores com receio de que me asfixiem.

A memória da greve é uma sombra de cores horríveis ou vermelho apenas. Encarnado.

Lazarus não morreu. Não foi milagre, uma grevista tinha um curso de enfermagem e reanimou Lazarus com um beijo, um dos maus, dos recomendados para as ressurreições. Lazarus levantou-se como um menino preparado para fugir sem roupa diante de uma grande luz.

*

Noor avisa-me com um dedo:

— Agora vou para aqui.

Aponta um pedaço de papel, o papel de um mapa, e os dedos de Noor calcorreiam a Europa como quem está fora da Europa e quer estar dentro. Depois, no cabelo preto, aí os dedos descansaram.

*

Há operações de reciclagem inteiramente justas e limpas, noutros lugares do planeta, por exemplo em cidades alemãs. Aqui, é uma coisa em que as pessoas deixaram de acreditar, a justiça da reciclagem. A repetição de gestos para a salvação do mundo. Separar o sujo do limpo, o trigo do joio, participar da salvação. Sujávamos as mãos, usávamos luvas. Sujávamos as mãos.

Noor, antes

Isto foi antes. Noor disse-me: agora deixa-me contar-te a minha história, da frente para trás. No chão da Europa, a lembrar-se da casa antes, do lado de fora da Europa, a sua casa na guerra e antes, na paz, a casa sossegada no princípio de tudo. Noor emigrava à minha frente, pela segunda vez, avançava de marcha-atrás, de cócoras, as mãos na terra a agarrar a lama da Europa. Uma viagem escatológica, vista de longe.

Eram meus filhos e meus netos, eram os meus pequeninos, os meus perdidos. Eu pensava imenso na Europa. Euros, deixai vir a ti os pequeninos. Não sabia até que ponto as árvores estavam vivas, as florestas estavam vivas. O frio era feito para mim, chegava-me do chão, subia-me pelas pernas e pelo nariz. Alguns caminhavam sobre andas, como passarinhos. A paisagem era uma distância sem feridas, um apocalipse verde, com aves. A noite e a escuridão copiavam a forma de um coração arrancado a meio da noite a um homem só. Dei ordens a mim mesma para gritar, várias vezes, mas calei-me. Depois gritei, várias vezes. Testemunhei pequenos humanismos, claro. Um pai a calçar a bota a uma criança. Um velho a interromper uma refeição com dúvidas. Uma mãe a parar de amamentar para sorrir. A violência silenciosa incomodava-nos, podíamos ter falado mais. Os adolescentes erguiam o indicador no ar, ereto como um osso principal. Cheiros diferentes, desagradáveis, demasiado humanos. Sentíamos-nos tentados a viajar sem o nariz, sem as dores nas pernas, sem o paladar empobrecido pelo repisar do caminho.

E antes disso.

A cena na praia. Homens e mulheres com luzes na mão, cada um a sua. Telefones portáteis. A falarem com a família depois de aterrarem os pés na areia, são e salvos pela primeira vez. O fotógrafo internacional

faz uma fotografia bonita onde os imigrantes parecem jovens enriquecidos num concerto, embora poucos e mais cansados.

Cheiros humanos. Viajar sem o nariz, de paladar empobrecido. Uma rapariga ajoelhou-se como quem vai dar à luz. Todos somos alguma coisa e durante a viagem descemos a um lugar onde fomos fauna e plantas. Entendemo-nos sem linguagem, é tudo inglês e gestos, os gestos são importantes. Andámos tanto que parecíamos avançar na diagonal, a cabeça a viajar ao lado dos pés. À noite, sonhávamos aos gritos: «Europa, Europa, dinheiro, dinheiro, amor, felicidade.» A responsabilidade de sonhar com um continente e um sentimento. Os homens eram grandes e pequenos ao mesmo tempo, tristes e ferozes. Tristes. Eu gostava de parar em lugares onde a luz me tocava. Acontecia-me nas praças das cidades pequenas, nas clareiras e nos intervalos da ramagem. Aí, sim, sentia-me fábula e sabia bem o que queria, lebre ou tartaruga, menina ou lobo mau. Eu queria continuar, terminar a história. Havia todo o tipo de gente forte, rapazes, raparigas, havia velhos fortes e havia aleijados. Não faltava ali fortaleza nem tragédia. Havia relações pelo caminho, claro, clímax para ele, às vezes anticlímax para ela, às vezes pior, nem sempre. Um dia encostei-me à parede de uma casa a chorar, mas não havia parede. Não havia casa. Foi engraçado. Pessoas doentes curavam-se no caminho, outras, curadas, doíam pelo caminho, era tudo psicológico. A Europa estava acima e abaixo de nós, a Europa era um caminho de pedras a boiar acima de um lago. Pesava-nos, a Europa. O presente era para esquecer, o passado inesquecível. Era obrigatório acreditar que todos os corpos eram bons, precisávamos deles! Alguns pareciam ter esquecido o seu nome e a sua espécie. Outros, os mais perigosos, transportavam na cabeça bibliotecas e labirintos.

Antes disso.

Uma explicação: os imigrantes imigram com as mãos, é uma maneira de ganhar a vida. Quando não se conhece a língua, ganha-se a vida com as mãos. Depois da língua, a melhor parte do corpo são as duas mãos. Sorrir também, é importante. Atravessávamos a Europa a correr e pensávamos como os pés são temporários, importantes são as mãos. São uma coisa de dignidade, olho as minhas mãos no escuro, olho-as como a uma maçã. Bem, exagero, não as olho no escuro e ainda não aprendi a

fazer pão com elas.

Os mais perigosos transportavam na cabeça embaraços e labirintos. Cômicos, imitavam gestos de ternura e davam bons dias artísticos. Os nus exemplares eram os mais frágeis. Podiam ganhar ou perder, era cinquenta, cinquenta, probabilidades. Podiam viver ou morrer, é cinquenta por cento. Eu vi gente morrer, não contei quantos, as pessoas não são números e eu não sou príncipe. Repeti o nome dos mortos em voz alta, no sotaque deles. Aprendi imenso sobre algumas cores, o amarelo da urina, o verde-escuro à noite, no chão da floresta da esperança. Um dos mais velhos implorou para ser sepultado debaixo do chão, uma repetição de desespero, mas não aconteceu, agarrou os cabelos com os dedos da mão e deixou de gritar. As criaturas do céu desapareciam e apareciam, nenhuma criatura descansava no céu. Desejávamos nuvens, tanto como sol. Alguns lembravam-se dos filhos a crescer e misturavam a palavra progresso com a palavra família. O ar exalava o odor da fertilidade adiada, terrestre, telefónica e distante. Conversávamos sobre sorte e dinheiro como se fossem orações, como um tio no estrangeiro, aquele parente gordo. Cercavam-nos palavras aéreas, amuadas a um canto, palavras de Babel. Dois homens secos, de pé no pó, anunciaram «aquí há pé» e «eu não sei nadar». Outros chicoteavam-se com saudades, era uma religião privada, das piores. Os mais cansados tentaram livrar-se da parte pesada de si mesmos. Não havia pecado original, éramos todos puros e assustados. Puros porque assustados. Alguém de longe chamava-nos para construir um império com base do princípio «só sim é sim». Queres perder a tua casa? Sim. Família? Sim. Ser escravo? Não por muito tempo, mas agora sim, pelo meus filhos sou escravo, pelos meus filhos quero um império. A atmosfera mergulhava no meio de nós, pesada como uma paisagem. Tudo se encontrava secretamente vazio, as florestas, as aldeias, os caminhos rurais. Éramos convidados de algo pior, uma ciência, um teste final oferecido aos seres humanos. Éramos humanos e sozinhos. A cada uma ou duas horas cresciam-nos dúvidas num pé ou numa mão, mais nos pés, menos nas mãos. Quem desistia era chamado de longe, com assobios, pelo nome do pai.

Antes disso.

Falo várias línguas. Aprendi-as na Europa, a caminhar pela da Europa. Aprendi línguas estrangeiras da melhor maneira, a fazer fila, à entrada das fronteiras. Esquerda, direita, *levá, pravá, lijevo, desno, vľavo vpravo, levo desno, bal jobb, lewo prawo, stanga dreapta*, e antes de tudo *aristerá dexiá* e antes *sol saĝ*. Também aprendi a língua do esperar, que a Europa não era por ali, disseram-nos, avisaram-nos que não era por ali em muitas línguas. *Bekle, buralarda deĝil, perímene, den eínai edó gýro, stai, nu e pe aici*, etc. Continuámos, não íamos deixar dizerem-nos que a Europa era por ali. *Czekaj, to nie tutaj*.

Pensávamos no que podíamos deixar para trás. O cabelo? As unhas? Uma menina fez toda a viagem com o mesmo cabelo, penteado em casa pela mãe. Usava calças de ganga, como os mineiros na Califórnia. Quando lavávamos o sexo no rio tínhamos cuidado. Os olhos dos homens pesavam nas costas das mulheres, nem sempre era mau. Éramos uma natureza-morta, éramos uma ainda vida, um quadro que caminha, fugido de um museu. Furávamos o muro de rocha do Ocidente por um emprego, um céu e um purgatório. Sabíamos que não era bem assim, mas era bom. As coisas futuras agitavam-nos, ensinavam-nos geografia, amoleciam-nos os calos dos pés. As piores horas do passado eram o nosso atletismo, na cabeça destes peregrinos havia guerras, famílias, o cheiro das meias nos pés dos poderosos. A palavra democracia era uma abstração, gostávamos dela. Do capitalismo não falávamos, era assunto privado, trabalhado no sono. Um dia, acusaram-me de falar como uma princesa. Como uma princesa? Foda-se! E não era só falar, foda-se, queriam tratar-me como uma princesa. Era assim, cada quilómetro ensinava-nos a continuar. Uma coisa mental, uma paisagem abstrata como nossa melhor amiga. Observávamos a Europa com a boca e a fome, trazíamos o espelho do passado apontado aos pés. A Europa admirava-nos a pele e os vestidos, tinha voz, estava em silêncio. Alguns riam baixinho e explicavam «isto é uma gargalhada», eram os loucos, os otimistas. Nos dias piores, líamos as distâncias nas unidades erradas, a ciência não chegava, a cartografia era impossível sem algo de engano, alguma coisa de esperança. Humanizávamos os objetos pequenos como a um avô num enterro. Os cheiros a terra e a respiração não se misturavam. Encantavam-nos os mapas, suspirávamos pelas cidades. Quando comíamos juntos, parecíamos reis magos. Descansávamos em

grupos de três ou de sete, tínhamos libertado as montadas e os camelos tinham regressado a casa sem nós, a pretexto de um parto ou de um menino. Perto do fim, deixámos de pensar num lar. Víamos uma cama, uma cadeira, uma banheira e uma mesa posta para uma família numerosa, mas já não víamos a família. Havia uma promessa no ar, alimentos, um carro desportivo, uma dignidade, mas lar já não havia. Dali a um ano seríamos estrangeiros, depois era sempre a melhorar. Sentíamos falta de Deus ou de um astronauta, qualquer astronauta, homem ou mulher, um que soubesse cantar para a Terra lá do alto. Falavam-me das vistas. Que vistas? Vais ver, respondiam. De resto, vales, montanhas, prados imensos onde as vacas eram mais calmas do que os nossos antepassados mortos. Mais bem alimentadas.

Antes disso.

A meio da viagem dei por mim a sonhar com um estábulo, uma vaca e um burro, uma mãe e um pai que nos adoram, estrelas no céu, pelo menos uma, mas grande. Visitantes vindos do Oriente, demasiados, à minha volta, afegãos, sírios, paquistaneses, curdos e eu a dizer-lhes que estava grávida e que ia dar à luz ali mesmo, num estábulo, entre o burro e a vaca. Os homens acreditavam. Deixavam-me incenso e mirra. Era mentira, mas os homens acreditavam e deixavam-me em paz. Não me importunavam, o que faziam à minha frente, faziam-no menos, faziam-no com cerimónia. Eu fi-los caminhar, fi-los correr, fi-los ver as coisas como as coisas são. Cozinhei pão ao frio, multipliquei-o à noite, proibi o vinho, várias vezes.

As vacas, mais calmas que os nossos antepassados mortos. Mostrávamos a mão com o polegar para baixo, como num circo romano. Era um aviso. Àquelas altitudes, o barulho da água num riacho lembrava um beijo. As interrogações dos jovens eram vermelhas como carne. Inferno?, perguntaram alguns. Sentíamos as dores da adolescência, sem adolescência, éramos velhos, éramos férteis e éramos cansados. Nas quintas isoladas, os cães olhavam-nos com vergonha. Os feridos esforçavam-se por manter um olho bom, uma perna saudável, uma mão forte. Quem podia poupava a melhor metade do corpo para a chegada. Percebi que estávamos quase quando perdi a sensação de andar para trás, de cócoras e de joelhos. Eu era outra vez eu, sem tudo o que eu fora.

Era um presente, uma surpresa, eu era finalmente uma estrangeira. As várias versões da morte, antes da morte, desapareceram. Há várias versões da vida, temos direito a uma. E eu sorri, porque tínhamos chegado.

Os Outros e o Fim

Partiu. Noor. A 17 ou 18 de setembro, não tenho a certeza, setembro desse ano. Outono, acho. Dor inesquecível. Fiquei triste, chorei deitado no chão durante três dias. Procurei-a no espelho, olhei-a de olhos fechados. O Benito rastejou até mim várias vezes. Quando estamos em baixo, os animais estão lá, sempre.

Tive medo de pensar em Noor todos os dias, durante duas décadas, imaginá-la, à falta de melhor, oferecer milhares de vezes a mesma oração permanente à sua memória. Vi-a a observar-me de longe, algures na Europa, a olhar-me como se eu fosse um segundo sexo, como a um amigo. Noor a estudar a masculinidade longe de mim, a ideia enche-me de ciúmes.

A memória é uma dança lenta, não é romance.

Obrigado, Al-Nazri. Pelo caminhar e pelo estarmos de pé, pelo abrir de olhos e o começar a ver. Teria sido divino cair, teria sido divino voar. Obrigado, Noor, pelo amor e pela verdade. Obrigado pela vida.

*

Os momentos com Noor. Insetos doidos, o céu atrás da janela, nós aproximarmo-nos da luz e tudo no seu lugar, per-ma-nen-te-men-te. Queria ouvi-la dizer: «Tu Tarzan, eu Noor.» Ou «Eu Noor, tu Tarzan», lembrava-me de Weissmuller, o descendente de moleiros de farinha branca, lembrava-me do ator e dos crocodilos.

*

Tocar, curar, transformar, assim lembrarei Noor, não esqueço. *Saber quem sou, quem me abandonou, o que faço aqui.* Por cima das leis da natureza e da vida e da morte. Trinta e sete poderes, sinais e maravilhas, chamo-lhes milagres. Contados em livro, não haveria livro suficiente. *Por mim, saber de nós.* A água em vinho, afastar os espíritos maus, curar os doentes. *O mar não me traz a tua voz.* Uma pescaria miraculosa, curar o corpo e as mãos, mudar os mortos, acalmar as tempestades, amparar uma multidão de mulheres, fazer falar os mudos, maravilhar com as roupas e com a nudez, com estes sinais recordarei Al-Nazri. *Em tristeza, silêncio, em flor, em mim.*

La la la la la la

La la la la la la

La la la la la la

Recordar, essa dança, *ganhar, perder, voz, corpo, silêncio, lugar, ausência, flor,* e depois o adeus, recordo-a assim.

La la la la la la

*

Coisas a ir e a vir, caravanas, os cães não ladram, desapareceu-nos tudo, os imigrantes para norte, a fábrica de reciclagem para sul. As pessoas só pensam no negócio, os trabalhadores querem salários altos; as empresas, salários baixos. Aqui, só nós não desaparecemos. É bom saber que hoje se salva o mundo em zonas tropicais. Se as empresas fossem pessoas, era vê-las atravessar desertos à noite, às escondidas, apertadas em barcos no Mediterrâneo em direção a sul, sem molhar os pés. O capitalismo é uma coisa manhosa, acendam as luzes.

A reciclagem deslocalizou-se, só nós não nos deslocalizamos. A nossa melhor autoajuda é a fuga.

*

Volto ao lar, dias depois, transporto a foto do meu pai comigo.

A imagem do meu pai e do seu amigo amarelou. O meu pai era um homem bonito, o que está com ele tem um furo na boca e outro no sexo. E dois furos nos olhos. Um lápis entrou e saiu pela fotografia adentro, não consigo deixar de pensar na minha mãe a fazer o gesto, dois segundos depois de o pensar.

— Mãe, eu sei tudo sobre o meu pai.

— Não sabes nada.

— Eu vi a fotografia.

— Não sabes o nome dele.

— Eu vi as roupas de mulher e o disfarce de crocodilo. Vi a dignidade.

— Não viste nada. O teu pai morreu, o teu pai fugiu.

É difícil reconhecer uma pessoa com a cara ferida, é pior se se trata de um crocodilo. O meu pai foi um homem homossexual apanhado numa mentira. A mentira não era ser homossexual, a mentira era ser feliz. Espero que agora esteja feliz. Quanto à minha mãe:

— Para que saibas. O teu pai, matei-o em espírito, assim.

Executou um gesto técnico, com as mãos.

— Felizmente falhei — confessou.

Por um instante, as mãos e os olhos da minha mãe assemelharam-se terrivelmente. Para onde vão os crocodilos quando morrem? Para onde vão as pessoas quando desaparecem? Fala-se demasiado da morte dos elefantes.

*

— Foste fruto do amor, para que saibas. Lembro-me de o teu pai me bater. Uma vez, antes de ficar grávida. Eu também lhe bati, à minha maneira. Não é uma desculpa, não é culpa, é facto. À nossa maneira, amámo-nos, mesmo fisicamente. O resto, já se sabe, acabámos como outros, a amar-nos espiritualmente, no fim é o mais fácil. Por fora

éramos felizes, éramos como os outros.

— Foram felizes?

— Foste fruto do amor. Aconteceu.

A minha mãe diz o meu nome completo. Duas vezes. Para que eu pense que ainda tem a cabeça no sítio? Já esqueceu a minha idade e a data do meu nascimento. Um dia, quando recordar apenas o meu primeiro nome, vai dizer-me o meu primeiro nome duas vezes, para eu pensar que tem a cabeça no sítio. A minha mãe naquele torpor, entre a realidade e coisa pior.

As minhas dúvidas acerca da vida do meu pai são engolidas por um buraco negro. Não um buraco negro no céu, um buraco numa caixa negra, daquelas por onde entra a luz das fotografias. O interior escuro de uma máquina. Espreito para dentro da caixa e vejo-me de calções, sem frio, é um dia de sol na praia e o meu pai leva-me de mão dada até ao mar. Tenho os pés molhados, mas ainda não tenho frio. De repente, o meu pai não está e eu sou um homem sozinho, o primeiro e único filho de um homem que gosta de homens. Sinto-me especial, sinto-me filho, sinto-me como os outros.

Explico à enfermeira que a minha mãe, às vezes, é um pouco repetitiva.

— Obcecada com o filho e com os micróbios — explico. — Às vezes.

— Já reparámos, sempre preocupada com a limpeza, mas aqui não há micróbios.

— Mas filho só tem um — arrisco.

A enfermeira diz à minha mãe que vai ajudá-la a lavar-se atrás das orelhas e no lugar do amor.

Afasto-me.

Ao fundo da sala, uma rapariga de calças de ganga está de costas, tem a cara encostada a um vidro para ver bem o que está lá dentro. Lá dentro está um pai. É o pai da rapariga. Está deitado e doente, o pai,

rodeado de enfermeiras como quem quer dar à luz, mas este pai não vai dar à luz, este pai vai morrer.

Afasto-me ainda mais.

— Já fomos raparigas — diz a minha mãe —, as pessoas não sabem que já fomos todas raparigas. Fizemos sexo. Dizes-lhes isso, filho?

— Está bem, mãe, eu digo-lhes que já foram raparigas.

Um pouco depois, fecho a porta e já estou do lado de fora.

*

A reciclagem ardeu e o vermelho desse fogo fez o tempo avançar, não sabemos para onde. Esse tempo não volta. A fábrica não volta, perdemos o nosso lugar pequenino no grande concerto da salvação do mundo. Música lenta, em fundo.

*

Há um facto alternativo, que devo agora para aqui chamar, para meu benefício e minha possível redenção. Noor enviou-me uma carta onde refere duas vezes uma visita. É um sinal? Uma esperança? Não sei, e a minha fé na palavra escrita nunca teve a solidez dos grandes argumentos. Decido encarar a carta como um sinal de esperança, tão forte como o que recebemos antes de morrer. Uma boia de salvação, uma ilusão, a ideia agradável de uma embarcação sobre a água, a poucas braçadas de um naufrago.

Afinal de contas, quem é que escreve cartas, hoje em dia?

*

O desaparecimento da reciclagem faz-nos pensar no futuro. Durante alguns dias, somos uma aldeia suíça. Estamos reunidos numa praça, fazemos um referendo de mãos nos bolsos. Em sucessão, somos ex-

judeus, ex-ciganos, ex-homossexuais e ex-surdos-mudos, ex-nazis, ex-capitalistas, ex-comunistas, somos ex-europeus, chegámos a este vale para nos aconchegarmos à sombra de uma montanha. O céu impermeável acima de nós, estamos diante de uma plateia a resolver os problemas do mundo, como uma Miss Mundo.

Maxim parecia finalmente decidido a morrer, mas não já. Com ele, as coisas acontecem devagar. É oficial: tentou o suicídio cinco vezes; da próxima pede ajuda a um amigo, tem poucos amigos, diz, e as pessoas são preguiçosas. Engole comprimidos à vista de todos, ninguém faz perguntas. Parece bem de saúde, Maxim, vai morrer por limite de idade, ninguém imagina o velho a morrer cedo. Para ele, o tempo de morrer cedo não volta mais. Caminha apoiado numa bengala que se assemelha à cruz de um sacrifício, mas não o seu.

Oksana observa-nos com a boca. Traz o filho nos braços, tão pequeno, quer mostrar-nos que o bebé é melhor que nós. Tem recordações genéricas, que guarda desde pequenina: ser uma boa filha, vingar como profissional de cinema, ser mãe e fazer esqui sozinha, à noite.

— Temos um aparelho de som e, quando fazemos amor, é como no cinema, o soalho vibra. — Não acreditamos. É boa ideia não acreditar em terremotos. — Temos uma televisão que parece um oceanário. Sem tubarões.

Gregori só pensa no filho de Oksana. Já os olhos, passeia-os pelas costas de todas as mulheres, desce-os pelo pescoço delas como uma gota de água fria, como uma lágrima aquecida. Em tudo o resto, Gregori é fiel, o que quer dizer: pensa muito no filho. Um dia, pôs cinco dedos de duas mãos na boca e beijou Oksana com uma língua impossível, coisa que só acontece na televisão.

— Oksana e eu, nós vivemos um grande amor, eu explico.

— Não expliques.

Iuri, o gordo. É um gigante, é grande nos sítios errados. A qualquer momento consegue falar com a barriga. Frases alcoólicas, interrompidas,

cheias de pontos de exclamação. Dizem que beija como um alcoólico, não pára. As pessoas falam dos gordos de uma maneira que já não podem falar de outros problemas sociais.

— Ser gordo é o inferno e o purgatório, ao mesmo tempo — afirma Anton. Depois ri-se.

Iuri não é uma daquelas pessoas bem-dispostas que não sabemos se são bem-dispostas por serem gordas ou por serem felizes ou uma combinação das duas coisas em quantidades desconhecidas.

Maya pergunta pela cidade dos homens. Todos os dias. Perguntar onde fica uma coisa é um método para descobrir lugares inesperados, onde não existem dragões. Maya cheira a terra e a respiração, percebe-se que podia ser feliz se o mundo fosse completamente diferente. Algumas coisas são sempre iguais. O marido bebe.

— Ela ama-me, mas eu amo-o mais. Amo-o, amo-o pois.

Qualquer boa ideia faz o corpo de Úrsula corar, é assim que sabemos que a ideia é boa. A Úrsula, os homens piores não lhe olham para as bochechas.

Boris garante que não está doente, que está louco e está curado. Pratica gestos com facas, um dia magoa alguém. Fez um golpe na orelha, que nunca cicatrizou, como um truque de mágico. Fala de facas como algumas mães falam dos bebés, dos pequeninos.

— Estou preocupado com as alterações climáticas. — O tipo de coisa que diz, para esquecer a cicatriz. — Amanhã pode chover.

Por estes dias, Andrei fala com a falsa segurança de um homem que tem um pénis pequeno. São tudo aparências, ninguém sabe, há quem o imagine a cantar que não consegue alcançar a satisfação em inglês.

— Foda-se, és homem ou não és? — Anton não deixa Andrei em paz.

— Não gosto que uses o verbo foder.

— Não sabia que era um verbo.

Lyudmila tem o ar feliz de quem é beijada na boca e mordida nas orelhas, a direita, quase sempre, às vezes também a orelha esquerda. Há quem sonhe que o mundo acabe às lambidelas e à dentada, mas depois pensa melhor.

— Alegrias?

— Algumas.

— O que gostas de fazer à noite?

— Nada.

— Só isso? Sozinha?

Goran passa o tempo a espreitar a roupa molhada das mulheres. No estendal. Adivinha corpos a partir da roupa lavada, é adivinhar até o sol a secar. De volta a casa, põe as mãos em concha no centro do corpo, como se o centro fosse um bicho.

— Às vezes chateia-me — disse. — Aquilo de as mulheres não sorrirem.

Mircea, agora, ora enquanto urina. Ouvimo-la a orar baixinho, nas casas de banho públicas. A oração dos aflitos, tão masculina!

— Mais água e mais amor, tenho sede.

Lidjia enlouqueceu tarde demais, já não tinha razões para isso. Primeiro, ninguém se apercebeu. Depois foi ela que não se apercebeu, quando a loucura era irreversível. Passeava de punho fechado, em revolução permanente, afogada por uma injustiça, desesperada por uma verdade. Trabalha à noite, no controlo de pragas domésticas, é uma maneira de conhecer pessoas interessantes.

— É a evolução, não? A teoria — comenta Goran. Goran não muda, nunca se entendeu com teorias.

Yelena vive com a esperança de povoar o mundo com atos de amor ou dor extrema.

— Gostava que pensassem que eu era Deus.

- Não sabes o que estás a dizer.
- Mas gostava, sentia-me melhor, acho. Deus.

Adota uma posição reprodutiva, difícil de descrever, mas fácil de reconhecer. A excitação de um encantador de serpentes, a cobra desenrolada a sair do cesto na vertical, observando os espectadores com uma atenção comestível a brilhar-lhe nas escamas da pele.

Lazslo faz caretas para não se sentir sozinho. Caretas de todo o tipo. Diz que é fazer caretas ou emigrar. O tempo de partir passou, não volta mais, as caretas são uma tentativa de lembrar. A noite muda-lhe o branco no fundo dos olhos. Quando está em silêncio, lembra um galã da rádio. Um dos antigos, às vezes.

Os animais querem ser felizes. O Benito, por exemplo, rasteiro, sim senhor, mas um dia desaparece-me. Há muitas maneiras de matar quem amamos e quem cuida de nós. Em conjunto, eu e o crocodilo somos aquilo a que se chama um problema social.

Temos nada a toda a volta e no céu. O que quer que tenhamos sido, agora somos nós outra vez. Sem estrangeiros, sem reciclagem, com menos dinheiro. A vida depois da morte é parecida com a vida antes da morte, nós sabemos, vivemos aqui. No outro lugar do mundo deve existir uma luz excecional. Um ano depois do fim da reciclagem, as pessoas pareciam transparentes, de uma maneira má. Uma unanimidade cansada envenenava o ar. A vida voltava a ser vazia e pesada, o que é diferente de amorosa e interessante. A pobreza perdeu o seu romantismo, não há mais nada a perder. Não é para sempre, a pobreza, quem sabe um dia os homens se transformam em automóveis.

*

Eis que chega o dia da circuncisão. Não pensei muito nisto, não é coisa religiosa, é opção de higiene. Anestesia local. Não olhei para baixo, estava em boas mãos, pensei «estou em boas mãos» e não olhei para baixo. A médica tinha os dedos nas luvas frias e o bisturi de metal ou o que aquilo era cortou uma parte de mim. A lâmina disse «chiu» e depois

calou-se. Achei que tinha acabado, sangrei, devo ter sangrado, não olhei para baixo, não olhei para mim. Um enfermeiro cruzou os braços. Espanto? Compaixão? Mistério. Uma circuncisão é coisa a que os homens não gostam de assistir, mesmo se acontece a desconhecidos.

Nesse dia, passeio com o Benito às três da manhã. Estamos sozinhos. No dia seguinte, há uma fotografia nas redes sociais, mas ninguém acredita no crocodilo. Eu reconheço-me e reconheço o Benito, que saiu bem na fotografia. Dou por mim a pensar no Benito como um dinossauro. O mesmo porte, a mesma aspereza, o mesmo sonho infantil de sobreviver aos meteoritos.

*

— Perdoa-me.

A minha mãe diz-me isto, naquele dia, desta maneira:

— És cruel — digo.

— Sou uma mãe.

Há pouco ou nada a perdoar. A minha mãe pode estar a falar com o meu pai, o meu meio-irmão desaparecido.

— Sou mãe, só te tenho a ti. Não tenho meios-filhos.

E depois.

— Perdoa-me, filho.

Afinal fala comigo. A voz sai-lhe ao mesmo tempo dos dentes e de um boneco de pano com a cara do meu pai, a minha mãe é ventríloqua, gosto da vida em família! Entre o pai, o filho e o espírito santo, escolho o espírito. Diz-me que o crocodilo foi um presente do meu pai.

— Não te disse, pensei que não ias gostar.

— Eu tinha percebido. Gostei.

— Compreendo. Um animal doméstico é um animal doméstico.

- Animal de companhia, mãe.
- Compreendo.

Pergunto-me por que a minha mãe me deixou afeiçoar ao crocodilo. A esperança de o animal crescer, me ensinar uma lição?

*

- O nome do teu pai.
- Mãe?
- Chamava-se...

Lamenta ter perdido a peruca, não sabe onde a pôs. As coisas dela desaparecem lentamente. Não morrem, desaparecem. Soletra o nome do meu pai. Esforça-se por olhar para mim enquanto morre. Depois morre.

- Promete-me — pede várias vezes, antes de morrer.
- Prometo.

Ouvi tantos «eu prometo» que deixei de os contar. Conta a intenção. Não havia nada a prometer, a vida é o que é, no meu caso é o que é há muito tempo.

Esta é a história que ela contou. Passou de mãe para filha, ou seja, de avó para mãe, e agora é a minha vez.

Os soldados estavam de pé, de cada um dos lados da fila de homens. Tinham já acontecido muitos mortos quando a minha avó viu dois prisioneiros a avançar, sem estrelas ao peito. Toda a gente os viu. Um dos soldados perguntou «*Warum?*» e um segundo soldado sussurrou-lhe uma coisa ao ouvido. Riram.

- O soldado disse «*Warum?*»? — perguntei.
- *Warum.*
- Porquê «*Warum?*»?
- Ninguém percebeu, estavam todos com medo.

A minha mãe fez um gesto com a mão, que não compreendi. Medo.

Trouxeram dois triângulos cor-de-rosa e penduraram os triângulos ao peito dos homens, mas por pouco tempo, porque os homens iam morrer. Mandaram-nos tirar a roupa e descer para o fundo da vala e eles desceram de mãos dadas e depois morreram. Foram mortos. *Warum?* O que a tua avó viu nesse dia fê-la prometer não ter um filho. Até ao meu nascimento. Eu nasci menina, sou a tua mãe. Até eu nascer, a tua avó teve a vida prisioneira daqueles dois homens nus a desaparecerem. Às vezes sinto que a tua avó está aqui, pequenina, a fazer essa pergunta: *Warum?*

Nesse instante, a minha mãe fez uma pausa definitiva.

— O teu pai, quero que ele seja feliz. E que não volte para casa.

Antes que eu perguntasse porquê, ela avisou:

— E não me perguntes porquê.

A vida precisa de porquês, precisa de *Warums*? Não há plural de *Warum* em alemão. A minha mãe inclinou a cabeça, para ouvir melhor, rodou o dedo no ar, à volta da sala do lar, como se fizesse magia num continente envelhecido. *Warum?*

— Não vai haver sussurros, não vai haver risinhos — disse. — Vamos todos perceber porquê.

E morreu.

*

Ainda não sei conjugar os verbos em alemão. Falo sempre no presente, o que, no caso da Alemanha, não é uma desvantagem. De resto, quase já não penso na Alemanha.

Das ist nicht nor alles.

Isto ainda não é tudo.

Levo o crocodilo até um rio que desagua na Alemanha. Faço-o escorregar do carrinho de mão diretamente para a água, como um bom amigo que bebeu demais. Adeus, amigo. Não trocamos uma palavra, não é preciso. Adeus, amigo. Para o Benito, é o princípio de uma bela viagem submarina até ao mar, para mim é o fim e o início.

Com o passar do tempo, o regresso de Noor atinge uma probabilidade insuportável. Querida Vénus, onde estão os teus cotovelos nus e os teus braços de mármore? Noor vive em Paris. Eu e ela, teremos Paris? Não sei o que fazer, mas quase não penso na Alemanha.

Ao Benito, nunca mais o vi, desapareceu. Naufragou, afogou-se? O crocodilo pode não ter existido. Desejo que ajude outro homem sozinho com a sua fome e a sua paciência. Ninguém imagina quanto os homens sozinhos devem à paciência dos crocodilos.

Tenho um sonho mau. Estou na fronteira da Alemanha, do lado de fora. Impedem-me a entrada por coxear da perna esquerda. A coxear? Outra vez? Faz frio, um frio que me lembra a circuncisão. De repente, os refugiados à minha volta começam a correr em várias direções, para dentro da Alemanha, e eu fico do lado de fora para sempre, a coxear.

Sobre este livro



Vladimir trabalha numa fábrica de reciclagem e partilha a sua vida com um crocodilo e uma longa história de esquecimento com a mãe, que se recusa a revelar o nome do pai desaparecido. Aprisionado numa geografia do desespero, num lugar ex-fascista, ex-comunista e ex-industrial, por esta ordem, Vladimir observa os hábitos do perigoso animal, enquanto sonha com uma relação íntima com uma mulher e resiste às difíceis idiossincrasias do seu grupo de amigos, ultrapassando a rotina apoiado na pergunta *warum?*, o velho porquê alemão.

O seu bocado de Europa é subitamente atravessado por um grupo de refugiados que chega à cidade na esteira de Noor, que interrompe a

rotina moral da reciclagem de forma violenta e por quem Vladimir se apaixona. Numa antiga fotografia do pai, Vladimir tem uma revelação que muda o seu destino e o do crocodilo Benito. Mas o que muda, afinal? E *warum*?

Sobre o autor

José Gardezabal nasceu em Lisboa.

O seu livro de poesia *história do século vinte* foi distinguido com o Prémio INCM/Vasco Graça Moura. O seu primeiro romance, *Meio homem metade baleia*, foi finalista do Prémio Oceanos, e *A melhor máquina viva*, seu segundo romance e primeiro volume da Trilogia dos Pares, considerado um dos melhores livros de 2020 pelos jornais *Expresso* e *Público*, foi finalista dos prémios Fernando Namora, Correntes d'Escritas e da Sociedade Portuguesa de Autores. Em 2021, publicou os romances *Quarentena – uma história de amor*, finalista do Prémio Oceanos, e *Quarenta e três*, assim como o volume de poesia *Viver feliz lá fora. Quando éramos peixes*, o segundo volume da Trilogia dos Pares, foi editado em 2022.

A mãe e o crocodilo, a história de Vladimir e do seu crocodilo, Benito, é o seu sexto romance.